

PESQUISAS

Antropologia nr. 10

Ano de 1960

JOSE DE MOURA, S. J.

OS MUNKÚ

2.^a CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA TRIBO IRANCHE

Gráfica da Universidade do Rio Grande do Sul
imprimiu para

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
Pôrto Alegre — Caixa Postal, 358 — Rio Grande do Sul — BRASIL

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
Pôrto Alegre — Caixa Postal, 353 — Rio Grande do Sul — BRASIL

PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

Conselho de Redação

Balduino Rambo, S. J. — Diretor técnico e científico
Aloysio Sehnem, S. J. — Secretário de Redação
Inácio Schmitz, S. J. — Coordenador

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em todas as línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos artigos assinados.

A publicação das colaborações espontâneas depende do Conselho de Redação.

*

PESQUISAS veröffentlicht wissenschaftliche Originalbeiträge in allen geläufigen westlichen Sprachen.

Verantwortlich für gezeichnete Aufsätze ist der Verfasser.

Die Aufnahme nicht eingeforderter Beiträge behält sich die Schriftleitung vor.

*

PESQUISAS publishes original scientific contributions in any current western language.

The author is responsible for his undersigned article.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactorial staff.

Pesquisas aparece em 4 secções independentes: **Antropologia, História, Zoologia, Botânica.**

*

Pesquisas erscheint bis auf weiteres in 4 unabhängigen Reihen: **Anthropologie, Geschichte, Zoologie, Botanik.**

*

Pesquisas is divided into four independent series: **Anthropology, History, Zoology, Botany.**

Podemos permuta com as revistas do ramo.

*

Wir bitten um Austausch mit den entsprechenden Veröffentlichungen.

*

We ask for exchange with publications of similar character.

PESQUISAS

Antropologia nr. 8

Ano de 1960

JOSÉ DE MOURA, S. J.

OS MÜNKÜ

2.^a CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA TRIBO IRANCHE

ERRATA

No cabeço das páginas pares, onde diz "Antropologia n^o 8", leia-se "Antropologia n^o 10".

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
Pôrto Alegre — Caixa Postal, 358 — Rio Grande do Sul — BRASIL

OS MÜNKÜ

2.^a CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA TRIBO IRANCHE

JOSÉ DE MOURA, S. J.

INTRODUÇÃO

Depois dos primeiros dados publicados em Pesquisas 1, 1957, tivemos oportunidade de visitar novamente a tribo Iranche (cujo nome autóctone é münkü) no mês de dezembro de 1959, prolongando nossos estudos até fins de fevereiro de 1960. Desta excursão resultaram novos dados lingüísticos numerosos, além de uma boa coleção de lendas, em parte colhidas em iranche, em parte no linguajar semi-sertanejo por meio do qual os membros do grupo se comunicam com o mundo dos brancos; também recolhemos outros dados relativos à cultura não-material da tribo.

Este trabalho reproduz da primeira publicação apenas os dados indispensáveis para sua compreensão.

No que se refere às lendas transcritas em português, conservamos, tanto quanto possível, a feição concreta do português semi-sertanejo. Apenas se deu uma forma menos primitiva, quando o sentido exigia uma linguagem mais exata.

PRIMEIRA PARTE

ANOTAÇÕES SÓBRE A CULTURA NÃO-MATERIAL

1. O Território

Os Münkü consideram seu o território compreendido entre os paralelos 12 e 13 sul e os meridianos 57 e 58 W de Greenwich. A tradição diz que habitavam antigamente uma re-

gião mais ao leste, a leste mesmo do rio do Sangue. Hoje a tribo não guarda recordação do antigo solo pátrio. Dizem os Münkü que os homens ao saírem da grande pedra, conheceram o território original da tribo, pois lá estava a pedra-mãe.

A tribo, como sabemos por informação, não habitou nunca a margem esquerda do rio Cravari. Nesta região efetuaram apenas corridas de caça e pesca.

Os missionários jesuítas, que trabalham com a tribo, exigem que os Münkü habitem o seu território, para que não percam o direito das terras.

2. As Nações conhecidas

Conhecidas pelos Iranche são as seguintes nações: a Salumá, a Poimi.á, a Kurali.

Os Salumá, habitantes do norte, são os índios Canoeiro. Esperamos para breve uma informação científica sobre estes índios. São antropófagos, talvez os únicos antropófagos atuais entre as tribos indígenas brasileiras. Duvidou-se muitos anos dos depoimentos dos Münkü a respeito dos costumes antropófagos dos Salumá. Por falta de conhecimento exato da tribo, não se deu valor ao depoimento: não se sabia bem onde situar a tribo a que os Münkü se referiam. Hoje está comprovado cabalmente o fato, depois das provas aduzidas pelo missionário jesuíta P. João Dornstauder, que fez a pacificação dos Canoeiro.

Os habitantes do leste são os tradicionais inimigos dos Münkü — os Poimi.á, ou seja os Beicho-de-páu. A tribo não é conhecida ainda. Arredia e mesmo infensa, não é, entretanto, antropófaga.

As duas tribos Münkü e Poimi.á eram antigamente amigas e pacíficas, ao menos em relação recíproca. Dizem os Münkü que o casamento mútuo dos membros era relativamente comum. Um certo índio de nome Joaquim, falecido no Cravari provavelmente por volta de 1950, é apontado como um índio da tribo Poimi.á.

Sucedeu que uma mulher Münkü foi assassinada por um patricio. O marido, da nação Poimi.á, procurou desforra e movimentou muitos índios Poimi.á. Rompeu-se uma luta encarniçada e com ela veio para as duas tribos uma eterna inimizade.

Os habitantes do sul são os Kurali, chamados também Pareci. Os Münkü distinguem, ao que parece, grupos entre

os Pareci, chamando a um dêles de Peroli. Não se sabe ao certo que grupo seja êste dos Peroli.

Faz tempo os Pareci eram adversários poderosos dos Münkü. Depois de certo tempo houve paz. São tribos amigas mas não se nota entrosamento íntimo entre ambas.

Além destas tribos de territórios limítrofes, os Münkü comemoram outras duas: a Nhanman-nhanlu ou Caiabi e a Ionade ou Nambiquara. Estas duas tribos são comemoradas por tradição. Os membros atuais da tribo Münkü os vieram a conhecer ultimamente no período de aculturação intensa.

Os jovens nada disseram a respeito dos Caiabi. A respeito dos Nambiquara, julgaram no primeiro encontro em Utia-riti no posto missionário dos jesuítas, fôsem pessoas civilizadas. Logo a seguir viram que a fala era muito diversa e os costumes primitivos traíam outra realidade. Identificaram a tribo como sendo a Ionade dos seus maiores.

Uma espécie de tribo ou grupo não bem entendida por nós é a dos Maimüakü, algumas vêzes identificada com os Salumá, outras vêzes afirmada como tribo distinta do norte.

Entretanto pode-se concluir que o fato de virem os Iranche do leste ou melhor do nordeste trará mais tarde luzes para investigações posteriores.

Afirmam ainda que os Beíço-de-páu subiram os vales do rio do Sangue e do Rio Cravari. Portanto os Beíço-de-páu são índios que de longa data fazem parede-meia com os Münkü, coisa que não sucede com as outras tribos.

Comparando os Münkü com as tribos circunvizinhas, temos que é uma tribo de poucos membros. Em 1948, ano em que se abriu à aculturação, afirma o Pe. Dornstauder que o cálculo mais razoável é de terem sido os Münkü em número de 250 índios. Hoje são 53 índios. Foram menos e tendem a aumentar, graças à educação e vida morigerada da tribo em estado de aculturação.

O que apresentamos aqui no entanto é a vida nativa da tribo nos elementos não-materiais. A aculturação será apresentada em trabalho a parte, quando Deus permitir.

3. Família

A família é monogâmica. Não tive informação de poligamia.

O casamento é preparado com bastante antecedência. Não tivemos notícia de casamentos obrigatórios.

Assim se realiza o cerimonial: A moça pede ao pai do moço a mão do futuro marido. Por própria conta o moço procura a tia da moça e faz o seu pedido. A tia diz ao moço: "Você casa e mata muita anta." O moço responde: "Estou alegre e vou ajudar o pai dela!" Depois disto os dois nubentes passam a morar juntos na casa da moça. Estão casados. Isto testemunhou Clovis.

A respeito da concepção, não tive informação sobre influências estranhas ao ato conjugal.

Os Münkü acreditam que ainda no ventre da mãe os fetos seguem as conversas das mães. Testemunhou Inácio Kaiolí que êle próprio seguia as narrativas e lendas da mãe, assim como todos os Münkü.

No nascimento o pai corta o cordão umbilical com uma taquara bem afiada e guarda a couvade.

Clovis Nhanurí conta que logo depois do nascimento de uma criancinha, o pai foi ao mato cortar vara e à roça plantar mandioca. Com isto a criancinha quebrou o braço, o pescoço e morreu.

Se a mãe morre, a criancinha é enterrada junto com ela. No caso de doença mortal ou desespero de salvação a criancinha é queimada viva.

A nomenclatura do parentesco, tendo por base o filho, é a seguinte:

O pai e a mãe, indistintamente chamam os filhos de: arekulepá.

O filho chama o pai de: areian;

o filho chama a mãe de: aremi.ú;

a filha chama o pai de: aremãinhã;

a filha chama a mãe de : aremümãinan.

O irmão mais velho chama o mais novo de: puhiná;

e mais novo chama o mais velho de: ainá;

o mais velho chama a irmã mais nova de: areküapü;

o mais novo chama a mais velha de: aremüpüli.

A irmã mais velha chama aos mais novos de: areküapü;

a mais nova chama aos mais velhos de: aremüpüli.

Os tios são designados com os nomes paternos e maternos: areian, aremi.ú, aremãinhã, aremümãinan.

Os primos são designados com os nomes fraternos: puhiná, ainá, areküapü e aremüpüli.

As meninas são educadas no medo da flauta ietá. As mulheres não a podem ver. Se os homens sabem que alguma mulher a viu, matam-na.

Manoel Maria Tupi é responsabilizado por diversas mortes dêste estilo. Asseveram diversos índios que êle chegou a matar cinco mulheres numa só ocasião, por causa dêste crime de verem a ietá.

As meninas e as mulheres flexionam o verbo a seu modo. As mulheres têm partido decisivo nos conciliábulos da tribo.

4. A Sociedade

A vida entre os cônjuges, assim como na sociedade permite certos tratamentos físicos de caráter rijo. Muitas lutas corporais com aparato de rixa são interpretadas como carinho.

Não se usa o beijo.

Os pais em família e os homens em sociedade usam de ação física para educação ou repressão moral, vitupério ou incentivo.

Usa-se do castigo corporal para que os filhos façam o que os pais mandam, como tive oportunidade de ver pessoalmente em dois casos: num o tikiandá Antônio Tamunlí deixou o filho Atanásio Iolací sem comer por ter desobedecido e faltado o respeito; noutra o tikiandá José Taburá surrou o filho Bartolomeu Napokô e lhe lançou pedra e pedaços de pau até que êste obedeceu e acompanhou o pai, indo à çaça.

Os münkü têm noção de posse. Posse individual são os objetos de uso, a casa e a roça.

A posse não é desenvolvida por comércio lucrativo. Há troca de interesse puramente de conveniência ou por motivos estéticos. Não há troca para ulterior valorização.

Usam também do direito do bem comum. O indivíduo em particular tem direito ao bem comum, quando se torna forasteiro ou visitante. Seus bens também são considerados pelos outros, bem comum. Pode o visitante lançar mão de objetos dos outros e vice-versa. Os Münkü, por própria conta vão pondo ressalvas a êste direito tão largo e se opõem à alienação, escondendo os objetos, procurando troca ou mesmo reavendo as preciosidades em tempo posterior.

Os Münkü usam do sistema de sinais para indicar ausência e direção que tomam nas viagens, assim como para sustar o avanço dos inimigos.

Fincam um pau no meio do caminho, racham-no com

dois talhos cruzados e colocam na fenda uma vara: está feito o sinal de viagem. A direção da vara na fenda indica a direção tomada. Quando na fenda colocam uma flecha, o sinal é feito para os inimigos. É sinal de guerra e hostilidade. Clovis afirma que os Münkü viram os **tikóli** (apelativo dos **Poimi.á**) abandonar o campo de luta depois de darem com os sinais proibitivos. O mesmo se verificou com os tremendos **Salumá**.

Os Münkü não são guerreiros mas defendem-se valentemente no caso de ataques.

O tikiandá é o chefe ou capitão. Governa a parte da tribo que lhe foi confiada por sucessão. A sucessão se processa por dinastia: o filho mais velho, por ocasião da morte do pai toma a direção do grupo.

Não se tem notado nenhuma característica totêmica:

As mulheres têm parte no conselho deliberativo da tribo mas a decisão pertence ao tikiandá.

O feiticeiro, por virtude própria ou seja por influência de seus venenos e domínio psicológico faz às vezes sombra sobre o tikiandá e sobre todo o grupo.

Resta-nos ainda muito campo de investigação a respeito da natureza da autoridade e mando dos índios.

5. Crenças

Os Münkü possuem a divindade **Taka.á**. É descrita como um ser espiritual: "é mesmo como a alma — **paloci moianan**". Não tem mistura nenhuma de matéria. Não é casado. É dono e conhecedor de todas as coisas. É concebido como morando numa grande casa (**iní**). Quem quer pode morar na sua grande casa. Quem lá morar tem privilégios.

Nesta vida o Münkü tem obrigações de viver a vida tribal, de obedecer ao tikiandá. É-lhe proibido matar, roubar e cometer adultério. O uso dos venenos é próprio dos iniciados na feitiçaria.

A realidade temerosa é o bicho-papão, ou cousa semelhante, que os Münkü chamam de **ainan**. É assim descrito: um grande macaco branco, de couro liso. Só tem cabelo na cabeça e mancha vermelha nas costas junto ao sovaco. Um rabo de metro e tanto termina o tronco e se apoia em pés de sapo. De noite anuncia a presença por meio de um pio, identificado depois como de um passarinho encontradiço tanto

na vertente da bacia paraguaia como na amazônica. Infelizmente não pude verificar a espécie nem o píó.

O ainan mora nos grandes cupins da mata. E' preciso não confundir êstes grandes cupins com os similares do campo e cerrado.

Clovis narrou-me dois casos acontecidos com o ainan: "Um certo Münkü foi caçar. Assobiou chamando macacos e bugios. Ouvia então uma voz a dizer: — "Para que você chama? Não chame não, aqui não há macaco. Volte para casa!"

O rapaz estava com vontade de caçar e foi adiante. Não viu ninguém. O fenômeno repetiu-se três vêzes. Na quarta vez que assobiou, viu um ainan num grande cupim a prendê-lo.

Correu de volta e chegou quase sem fôlego à casa do amigo, donde saíram a caçar. O amigo o tranquilizou dizendo que o ainan não os comeria.

Queimou um pouco de urucum na soleira da portazinha da casa e pelas paredes. Mal acabou de queimar, quando o ainan chegou. Dando com a fumaça, abandonou a casa e nunca mais apareceu."

Os Münkü usam ainda os processos de atirar com arco e flecha, assim como dar pauladas no ar e nas coisas que vão encontrando. Às vêzes dão aspecto endemoninhado ao rosto quando executam as surras.

Os Münkü não temem a morte mas sim o ainan, porque êste é o comedor dos cadáveres e pode comer as pessoas vivas. Como na ocasião da morte o ainan vem para comer o cadáver, há perigo de que mais alguém vá comido do bicho-papão. Dêste medo é que nascem as encenações dramáticas dos Münkü quando algum índio morre.

Para provar esta avidez do ainan para roubar crianças e para comer pessoas, conta Clovis o fato de ter o ainan roubado uma criança, tê-la amarrado e fugido com ela. Já ia alto pelas árvores, quando os gritos do pequeno chamaram os jovens. Dois dêles deram com o grande macaco branco e logo o flecharam. Largou a criança ainda amarrada e desapareceu.

O ainan só tem poder sôbre o corpo, sôbre a matéria. A alma quando morre vai logo para o céu, pois se uma pessoa morre é porque o Grande Tikiandá a chamou. Deus não gosta de que os Münkü briguem entre si. Quando dois querem brigar, o Grande Tikiandá chama um dêles ou os dois.

Quem mata o homem pròpriamente é Deus, o Grande Tikiandá: êle é quem chama os homens.

Os Münkü são adversários decididos da reencarnação. Contou ainda Clovis que um homem, mal tinha morrido, quis continuar a vida na terra. De nada adiantou, porque logo foi mordido por uma aranha e três dias depois faleceu de novo. Andou por um lugar que hoje é campo de aviação e lá morreu e ficou insepulto. A mulher dêle logo caiu doente também.

Acreditam que o homem vive só uma vida neste mundo.

Quando chegam no outro mundo, vão para as alegrias do céu. Acreditam os Münkü que não há demora alguma entre a morte e a chegada ao céu.

O céu fica situado um pouco para cá da lua e lá Deus tem a sua casa.

Chegando ao céu, a alma — **paloci** — toma um banho para ficar forte. A doença acabou a pessoa, precisa esta de um banho restaurador. Isto se consegue com a infusão de casca de um arbusto do cerrado, comumente chamado de “casca”, por ser sua casca rugosa e proeminente, de franjas de cortiça avantajadas. O banho é preparado por infusão da casca, à frio. A água toma a côr da pele indígena. Por isto é que as almas continuam Münkü, da côr de Münkü mesmo. Sôbre a pele se deposita uma camada grossa, protetora.

O céu é a eterna juventude. Quando morre um velho, o banho faz com que se torne jovem. Quando morre uma criança, esta cresce quase instantaneamente e se torna jovem.

Ninguém morre no céu: a alma é imortal.

Não se fala de prêmios nem de castigo: todos ficam de posse de uma felicidade.

As almas têm a faculdade de voltarem à terra em forma de animais mansos: cantam no mato e de noite, brincam em volta das casas dos Iranche. Demoram-se três dias na terra e voltam para o céu. Ninguém escapa a estas visitas a menos que se refugie na casa do Grande Tikiandá. Lá ninguém se transforma em animal.

Diz Clovis que hoje em dia as almas demoram-se apenas três dias no passeio pela terra, antigamente demoravam-se muito tempo. De tempo em tempo elas, sem esperar, se transformam em animal manso e aparecem na terra, para voltar depois de três dias para o eterno “manketa”.

SEGUNDA PARTE

A L Í N G U A

§ 1 — VOCABULÁRIO

No trabalho de 1957 empregávamos uma grafia. Tendo, porém, observado muitas variantes na pronúncia das palavras, resolvemos simplificá-la nesta nova publicação. Tomamos como base o modo de escrever brasileiro, acrescentando alguns sinais estranhos para indicar pronúncias especiais.

- a — soa como “a” brasileiro.
- ã — como em brasileiro. Só o empregamos quando em ditongo e o “a” não pode ser afetado por “m” ou “n” e tem som nasal.
- .a — o ponto antes do “a” indica que o “a” é de som natural mas destacado da sílaba anterior. O ponto representa um forte hiato. A sílaba anterior é mais demorada que as outras componentes da palavra.
- b — como em português.
- b — som intermédio indefinido entre os sons naturais “b, m, p”.
- c — como o “c espanhol”. A língua se mete um tanto entre os dentes e o som natural de “c” recebe uma característica de aspiração lingual-labial.
- d — como em português.
- e — como em português, mas sempre indica som fechado.
- é — como em português. Som pouco usado. Carrega sempre um acento consigo. A sílaba é mais demorada que as outras.
- g — como em português. Som sempre duro. É usado na grafia aqui, sem a companhia do “u”, portanto, a grafia é mais simples que a portuguesa.
- h — aspiração. “h” reduplicado é sinal de forte aspiração. Quando existe aspiração depois de “n”, usamos um hífen (-). O hífen indica continuidade de dicção. O “h” precedido de hífen vale como aspiração. Não precedido de hífen mas unido imediatamente ao n, funciona como grupo normal português de “nh”.
- i — como em português.

- ì — “i” com acento grave indica um som aproximado ao “i francês das palavras chagrin”.
 j — como em português.
 k — som natural duro, valendo pela grafia “c” de som gutural duro, assim como a do “qu”.
 l — como em português.
 m — como em português.
 n — como em português.
 o — como em português. Som sempre fechado. Não descobrimos som aberto aceito por todos e a pouca abertura que notamos uma que outra vez é muito pequena e não foi confirmada pela pronúncia de vários índios.
 ö — som próximo da sílaba “oe latina” e do “ö alemão”.
 p — como em português.
 r — como em português, mas sempre som brando, como na palavra “caro”.
 s — como em português mas de som sempre duro e forte.
 t — como em português.
 th — vale como um “t aspirado”, coisa parecida com o “th inglês”.
 u — como em português.
 ü — pronuncia-se como “u francês”: lábios em “u” e língua pronunciando “i”.
 v — quase como “v” brasileiro mas um pouco mais suave. Este “v” se aproxima um pouco do “u”.
 x — como em português mas o som de “ch”.
 y — som produzido com os lábios em “i” e procurando pronunciar “u”. O som sempre afeta um pouco a garganta. Algumas vezes a aspiração gutural é forte, mas não encontrei confirmações que permitam regras gerais, no sentido de se tomar grafia especializada.

As pronúncias que implicam forte hiato seguem a grafia adotada na letra “.a”: .e, .i, .o, .ö, .ü, .y.

— A —

a.á — pau, madeira, vara

aambê — tronco

ah — significado desconhecido. Aparece antes de algumas palavras, como reforço de expressão.

- ahh — sim. (Pronúncia com violenta sucção de ar para dentro da boca)
 ahí — ver, espiar
 ahí — paca
 ahi.ín — espiar, verificar
 aiauaiu — árvore
 ainá — irmão mais velho
 a.iahá — arco-íris
 aiahí — achar
 ãinhã — macaco “bicho papão”
 ãinhã — fogo
 ãinhanli — bola (feita de leite de mangaba)
 ainonoci — fogo
 aipoletã — fazer biju
 aká! — ái!
 akebú — nada, não existe
 akeptohú — faltar
 akeptoní — fim, acabou-se
 akirente — língua
 akohí — tucano
 akoli — tucano
 alamehü — banana (pacova bôa)
 alapu — pacova
 alauci — piuva
 alenku — morrer
 ale-ü — abacaxi
 alikiu — sedimentação da chicha
 alohú — sonhar
 aloi.ín — fincar
 alokalipi — ficar
 alolein — fincar
 alo.ú — pedra
 alú — papagaio
 alueri — urubu branco
 amanahê — fruta de veado
 amehü — fruta
 ameniauri — lagarta, das que queimam a pele
 amiú — espinho
 amohú — fruto
 aná — ouvido, ouvir, orelha
 anakipú — surdo (ana: ouvir; akepú: não)
 anaptohú — surdo (não vai ouvir)
 ani — êle
 anintata — derrubar
 anká — comer

apanan — aqui
 apaxanan — ali
 apexi — flor
 apurá — bugio
 arê — eu
 areian — meu pai (quando o filho fala)
 arekanein — é meu
 arekaninasanandá — foi seu
 arekaninxeminan — é seu (homem fala)
 arekeki — companheiro
 arekiapü — minha irmã mais nova
 arekohí — ir atrás
 arekulepa — meu filho
 aremáin — minha irmã mais velha
 aremáinhã — meu pai (filha fala)
 aremümáinan — minha mãe (filha fala)
 aremüpuli — meu irmão mais velho
 aremüú — minha mãe (filho fala)
 areü — meu
 ataká — mostrar
 atoci — apá
 atohú — peneira
 atsí — marimbondo
 atxoraní! — entro! (resposta a quem saúda chamando)
 atxuntaiohú — lançar para baixo
 atxü! — interjeição depreciativa
 auá — levar, carregar, roubar
 auasi — roubar
 auatasiní! — grito no começo do pega-pega
 auloleü — sangrar
 auití — mutum

— B —

bainhohú — ficar cansado
 bainí — quero
 balalümbá — chorar
 balanaci — amarelo
 balanici — carrapatinho
 balümbá — chorar
 balüü — manso
 banici — carrapato
 banmai — grande
 banonmanimbá — tossir

basonbaninbá — tossir
bemankimbá — sobancelha
beualá — agradecer (behü e ualá)
beuasini — é bom
bihú — dente
bihuín — dôr de dente
biú — dentro
bixi — coração, buraco
boiasohú — acordar
bokulohú — sair
böhy — penis
bübü — nós

— E —

eipama? — onde?
eivúá — vermelho
ekije — pai de mel
ekípu — seio, mulher (mulher casada)
epá (e.pá) — nascer
epaime? — donde?
epama? — onde?
epankekü? — donde de cima?
epimãipotí? — que está fazendo?

— G —

gutakeci — olho
gutakehê — olho

— H —

hiú — vento

— I —

ian — meu pai
iadiin — catar piolho
iaikihí — orelha
iaikülü — madeira de fazer fogo (sp.)
iake-ê — arame

iakibá — face
 iakikiú — casa de buriti
 iakimbaci — barba
 iakokala — calango (“do mato, feio”)
 iakuli — lábio
 iakuli — flauta de Pã
 iakuxi — cravador (faca)
 iakü — bacaba
 iaküaci — madeira de fazer fogo (instrumento)
 iakülü — fazer fogo, madeira de...
 ialapali — brigar
 ialauê — araruta
 ialimpalinkianá — parecido no rosto
 ialumbá — mentira, mentir
 ialumbaci — mentira
 iaman — pedaço
 iámaci — veado
 iamací — pequeno
 iamanan — dar
 iamanankeitá — colher feijão
 iamanankiní! — dá para gente grande
 iamanptohú — crescer (iaman e pu e tohú)
 iamantakiní! — dá para criança!
 iamapu — grande (pequeno não)
 iamatohú — diminuir (ficar pequeno)
 iamantohú — diminuir
 iamö — coatá
 iamtá — dar
 ianan — ouvir, escutar
 ianankeitá — colher algodão
 ianankiní! — entre! (saudação de entrada)
 ianankitaci — madeira canela
 ianankú — entrar
 iantali — caminhão (neolog.)
 iatehê — cavanhaque
 iauá — bicho
 iauaiauli — bicharada
 iauli — máu, que não serve
 iauhú — adoecer
 idaiatutohú — ficar tonto
 idamaitakehê — meio dia
 idía — veneno de flecha
 idinin — cobra (sp.?)
 iehín — doer
 ieiohú — alegrar-se

ieivüá — vermelho
 ienü — piolho
 iepte — muito
 iepte.ê — tudo
 ieptemoindá — êles todos
 iepú — quatro (cinco não)
 ieripkalohú — tornar-se amargo
 ieripú — amargo
 ietá — flauta supersticiosa “jararaca”
 ietehê — cabaça
 ikama? — por que?
 ikamani? — como?
 ikeci — faveira
 iki — peito da mulher
 iki — doce
 ikia — doce
 ikia — morar
 ikiatsi — formiga
 ikipu — peito da mulher, mulher
 ikipukana — leite materno
 ikuxi — unha de pássaro
 ileci — calor
 ilehê — sol, quente
 ilehú — ferida
 ilerohu — fazer calor
 imbalihü — rir
 in.hín — beber
 iní — casa
 inienü — cascavel
 inimpá — defluxo
 inke.ê — cajueiro
 in-nhã — caminho
 intân — despejar
 intxi.in — produção de fumaça
 inxakehü — cordão umbilical
 inxi — fumaça
 inxiran — relâmpago
 iocí — tatu pequeno
 iodê — caçar
 iohtatopá — esfregar madeira para produzir fogo
 iolehê — fedido
 Ionade — Nambiquara (Outro ruim)
 Ionadí — Nambiquara
 iondekaná — ontem
 iongeganá — ontem

ioní — outro
 ioniehê — de novo, outra vez
 ioniehü — depois
 ionixü — depois
 iontapü — diferente
 iopá — alto
 iopäinpahá — sôbre, acima, no alto
 iopankekü — em cima
 ioptahianian — é do outro
 iotapxi — o outro
 iökaná — certo
 ipisto — ser enterrado
 ipkepú — castidade (desonestidade não)
 ipki.ú — desonestidade
 iri — passarinho
 iriksa — ouriço cacheiro
 iriku — ouriço cacheiro
 iripkalohú — tornar-se amargo
 itá — vergonha
 itakeci — ipê, piúva
 italohú — ficar com vergonha
 itamalô — levantar-se
 iteci — queixo
 iti — pássaro
 itukú — deitar-se
 iudá — ira
 iudá — casca de piqui
 iudá — guizo feito de semente de piqui
 iuiohú — secar
 iukaioli — desistir, mudar de decisão
 iulá — espinho de pau, farpa de flecha
 iulapá — menino, filho
 iunali — onça
 iuni — bugio
 iuöhê — fervura da chicha
 iuomö.i — macaco preto
 iuraci — cascavel
 ixi — chicha de mel
 ñankatci — joelho
 ñun.ì — fruta de capim do mato
 ñun.ì — urubu preto

— J —

jentata — lutar corpo a corpo
 jiín — gemer

— K —

- ka.á — flecha
 kabutaci — ponta de flecha
 kadeleirá — coxo, entrevado (andar não)
 kadeli — sucuri
 kade.ü — andar
 kaïamampá — estar acostumado
 kaïanankú — entrar
 kaingeí — trave mestra
 kaintakü — chamar
 kaintekalepá — quebrar o bico
 kakapulí — pena de tucano
 kakaurí — fazer necessidade
 kake.í — flecha, taquara
 kakeü — flecha
 kaktuxi — jacutinga
 kalamu — fruta do mato
 kalamuiauri — fruta do mato ruim
 kalamuiauri — goiaba (neol.)
 kalapü — pacu
 kalapüü — beliscar
 kalatahi — borboleta
 kale.ê — abrir
 kalehü — atravessado
 kaleïmenetian — é meu (mulher fala)
 kalekikiá — aberto
 kaleli — puxar
 kaleneinxí — verde
 kalenti — pescoço
 kalipá — furar, penetrar
 kaliti — rede dos civilizados
 kalituku — depressa
 kalituku — deitar em rede de civilizado
 kalô — muito
 kaloti — virar, tornar-se
 kalülü — arrastar
 kalüü — abrir
 kamihin — nariz
 kamoikirá — podre
 kamoikirú — mole
 kamokiru — mole
 kananka — depressa, imediatamente
 kanankahü — sem demora
 kanankatoibani — quero sair logo

kanká — morder
 kanká — morder
 kanein — ter
 kanondaci — fino e escuro
 karapulí — respeitar
 karapulí — obedecer (neol.)
 karapulipu — preguiça
 kare.ü — caçar, sair
 katata — arara amarela
 katavá — urutáu
 kau.ê! — Ora essa! (importado dos Pareci?)
 kekana — ficar, permanecer
 kemã — bugio
 kêntapu — só
 kentapuê — um
 kentapxehú — só um
 kentapxi — um por um
 kentapxi — só um
 ketxiní — cova
 keuanci — clareira no mato
 keuhun — quero
 kia — perto, nas imediações
 kiaimani? — que?
 kiaimihin — nariz
 kiaipxi — perto
 kialirú — fazer ligeiro
 kiankalá — jararaca boipeba
 kiankali — jararaca ..
 kikiaimani? — como?
 kimani? — que? para que?
 kini — imperativo, manda execução
 kiti — preto
 kitohú — tornar-se preto, escurecer
 kiulupali — feio
 klauvakehü — cajueiro
 klauytikú — tornar-se, virar
 kletata — arrancar mandioca
 kohü — atrás, ir atrás de
 kokon — tia
 kolehü — ralar mandioca
 kolepá — lavar mandioca
 koletan — ralar mandioca
 komãitamaci — feijão miúdo dos Iranche
 komãitama.i — feijão grande dos Iranche
 komãiteru — feijão

- kotu — pesado
 koupá — criança de peito
 koxí — gambá
 köjá — gostoso
 kökaná — irmã
 kökülü — mau
 kötumbá — casar-se
 Kõuá — Civilizado
 ku.há — amarrar
 kuitakeci — amendoim
 kukuhí — gavião
 kulakulá — galinha (neol.)
 kulakulahí — galinha, ver galinha
 kulapá — menino, criança, filho
 kulapakci — lado
 kulapakü — lado de cá
 kulapali — feio; vergonhoso
 kulapapakü — lado de cá, aquém
 kulapöpá — abraçar
 kuleidukú — cuidar
 kulupali — feio
 kulupali — vergonhoso
 kulupali — demônio, demoníaco
 kumakakú — levantar-se
 kumantamaxi — feijão grande
 kuminxí — passarinho (sp.)
 kunixixí — dedo minguinho

 kurakê — jatobeiro
 kurakí — jatobeiro
 kuralí — amigo
 Kuralí — Pareci
 kuratiamuncí — pão de milho (neol.)
 kuratiamuncí — biju de milho
 kuratkeci — grão de milho pequeno
 kuratkeci — cana (neol. — igual milho)
 kuratu — milho
 kuritakehê — amendoim
 kuriuxi — porongo pequeno
 kutakeci — olho
 kutakekimbahí — pestana
 kuteci — olho
 kü — acender fogo
 kükama? — Por que?
 küküakü — boi d'água
 kükülü — gostar

kümen? — como? que?
 künekü — juntos
 küüpá — coceira

— L —

laleü — brincar, jogar
 lapatoluná — enterrar vivo
 lauakipi — tucum
 leirá — não (neg. absoluta)

— M —

ma.an — estrume
 ma.i — grande
 maíamê — grosso
 mãicí — resto
 mãi.hiauaci — dedo grande do pé
 maíkepú — pé
 mãikiaci — canela
 mãikianá — mãikianã — chicha de mandioca
 mãikiapakimã — para lá
 mankümesohú — engordar
 mãi.nhã — pai
 maiohú — crescer
 mãipahá — fora, lá fora
 mãítakü — perder
 mãitalohú — joelho
 mãito — interrogar, perguntar
 mãítxi — peito do pé
 mãixohú — brotar mandioca
 makaani? — quando?
 makexí — cotia
 makiatkeci — semente de capim
 makiatkeci — arroz (neol.)
 makú — morcego
 malaintá — bonito, belo
 malatolainí — fico triste
 malatolumbá — triste
 malatolohú — ficar triste
 malenkixí — cupim
 maletülü — sujo
 malula — tatu grande

mam.ti — gordura
manan — água
manan — fazer
manan — trabalhar
manan — matar
manan — carregar no chiri
manainí — apertar
manainú — trabalhar, fazer
mananaisô — aprontar
manekaná — em todo lugar
manehú — tersol
manketá — céu
mankampakimã — para lá
mankinauinú — mosquito
mankipi — unha de pássaro
mankuloli — amanhã cedinho
manühün — ombro
mapiu — peito
maptekeci — costela
mapuli — pena de gavião
mapuxi — barba
marohú — clarear do dia, madrugada
maromü — amanhã, amanhã cedinho
maronkehü — amanhã
marumã — amanhã
masaká — bacaiuveira
mata — chupar
matci — cabeça
matehide — cabelo
mateiakuli — macaco cabeludo
mati — frio
matinipá — ventosidade do anus
matixaná — cheio
matkipú — careca (cabelo não)
matoleixi — grilo
mehtapaci — estômago
mehü — bom, certo
mehümnehin — está bom, está certo
mekimpahá — na frente
mekiú — de vagar
Men-inhanlú — Caiabi
mérumã — pronto
méroní — acabar
meropümnihü — limpar
mesohú — melhorar, sentir-se bem

mesohú — acabar, chegar ao fim
 metktokini! — você vá na frente!
 mia — matrinchã
 mi.á — homem, varão
 mia taka.á — homem civilizado, trovão
 miamipú — velho
 miatapa — peixe
 miatiumala — homem barrigudo
 mihin — dentro, buraco
 miman — braço
 mimanci — mão
 miman-hnankanti — movimento do dedo
 mimankabase.í — polegar
 mimankapuxi — pêlo do braço
 mimankepci — jogo do cotovêlo
 mimanmoidati — dedo médio
 mimantoluxí — cotovelo
 mimenketá — pele
 mimihauakepsi — jôgo do pulso esquerdo
 mingsohú — tornar-se prenhe
 mimpci — umbigo
 minünkü — o que manda, chefe
 miopu — macuco
 mipi — fio
 mipto — adulto, crescido
 miptohú — amadurecer, secar
 mitá — ovo
 miucí — cheiroso
 moiamã — porco do mato
 moiamehê — abóbora
 moianan — também
 moita — céu
 moitá — carne
 mokecí — peçoço
 moke.í — nunca
 mokionaci — cará
 mokirú — mole
 molehü — lavar mandioca
 moletan — ralar mandioca
 mompê — roça
 mopô.í — roça
 moraimi — ficar tonto com fumo
 motohú — de tarde, entardecer
 moxehü — lavar, limpar
 moxi — porco do mato pequeno

möci — genitais masculinos
 mögnan — avô
 möhú — primeiramente
 mö.í — comprido
 mölinan — avó
 mö.ö — fumo
 möt.li — novo
 muhú — chuva
 mukanan — mesma cousa, igual
 muli — pau que dá tinta preta
 mulin — idem
 muümümateke.í — melancia
 muümünmataci — abóbora (assar comer)
 mühú — dente
 mün.hin — fazer-se escuridão
 mün.in — espiga de milho
 münci — umbigo
 münini — mandar
 münki-ú — rama de mandioca
 münklori — faz tempo, antigamente
 münktohú — escurecer
 münktomü — de noite
 münktü — noite, durante a noite
 MÜNKÜ — IRANCHE, gente
 mün.ú — mãe dêle
 münxi — mandioca braba
 münxohú — brotar rama de mandioca
 müpü — cabaça da flauta ietá
 my.in — mandioca
 muinkey — rama de mandioca
 mypy — cabaça
 myt.li — novo

— N —

nadepiu — marido
 nadeptohú — velho, envelhecer
 nadepu — casar-se (homem fala)
 naimihí — fígado
 nāinamahan — depois, então
 naimetaci — calango doméstico
 naingatú — rótula
 naingegená — agora
 nakatá — branco

nakehü — escroto
 nakenalin — jogar fora
 nakeuxi — escroto
 naki — lançar terra (no entérro)
 Namãinhanlí — Apiacá
 naman-iulapá — naman.iulapá — menina
 namankiulapá — menina
 namanohú — com fome, ficar com fome
 namüü — moça, mulher não casada, mulher
 namkatci — jogo do joelho
 namm — êles
 namtatemün — afundar
 nhamantasiin — afiar, afinar
 nhãmeiã — meu pai, nosso pai
 ninkaungená — amar
 ninkunkehú — amar
 numa — dois
 numaxohú — salvar alguns
 numpakihú — vísceras
 nün — de... (prefixo relativo)
 nünkaná — o mesmo

— O —

oapá — esperar
 odú — céu, lugar de recompensa, de felicidade
 odumehü — laranja (neol.), “fruta boa, do céu”
 oê — deixar lugar, sair
 oeienxi — dependurar do alto, do teto
 oehí — sair, deixar
 oeicí — fugir para fora
 ohití — doce, doce de chupar
 ohtugmá — encontrar gente
 o.í — fundo
 o.í — buraco
 oialalá — cobra (sp.?)
 oidukú — sentar-se
 oimpahá — para frente, para diante
 oiná — brasa
 oin-iu — sedimentação do polvilho
 oiolalá — jacutinga
 oirabú — lua
 oitamá — centopéia
 oití — chupar, engulir

olapakehü — pau justa-conta
 olipalí — voar
 olipapá — porque (resposta)
 oma.í — espécie de jacutinga
 omihí — caverna, gruta
 o.ná — filho
 onkukú — torto
 opá — acima, em cima, alto
 opahiantalí — avião (do alto caminhão)
 opakekü — o de cima
 oparohú — brotar, ir para cima, ficar alto
 opürü — anta
 otakülü — para cima
 otalohú — tirar mel
 o.ú — plantar, furar, fazer buracos
 o.ú — jacú
 oupani — hoje
 ouxaurí! — vem cá, ruim!
 oxepaká — sair da rede
 ökeci — pau bugre
 ötapá — nu

— P —

pahá — deixar
 paiadê — planta (sp.?-beringela?)
 painhohú — cansar-se, cansado
 painhoneptani — descansado
 pakahá — barra de rio
 pakalepá — tomar banho
 pakepkaná — ir atrás
 paláikiú — correr
 palalukú — rasgar, apodrecer, estragar-se
 palankiú — correr
 palin — bicho de pé
 palipalipú — fazer desaparecer, levar embora
 paloci — espírito, alma
 pamá — trovão
 pamán — pegar, segurar
 pamankalá — ajuntar na mão
 pani — pedir
 panimen? — quem? quem é?
 panimenetini? — quem é?
 panimenikeneitini? — de quem é?

paniní? — quem?
 pankulohú — nadar, atravessar nadando
 panlan — castigar
 papci — abelha bujuí
 papui — rêde
 pase.ê — cantar, rezar
 patá — terra
 patangaci — macaco vermelho
 patankehü — embaixo
 patekipú — três
 patekití — cinza
 paten — patricio, companheiro
 patoimení — terra bôa (pata e mehü)
 peman — testa
 piambá, piambaci — estrêla
 piambakanankeci — canela
 pimanci — tatu pequeno (sp.?)
 pin-hauali, pin.hauali — veneno
 pin.lí — remédio
 pireririkí — azul
 piuci — faca
 piulali — adstringente, que prende na bôca
 pohü — crescer, vingar
 po.í — mato
 poiá — depressa, rapidez
 poiarohú — acordar depressa
 poiatici — mata de nascente de rio
 poihú — brotar
 poikatí — mata de nascente de rio
 poimehü — mato bom, terra bôa
 Poi.miá — Beicho-de-Pau (homem do mato)
 poiti — narrar, contar, dizer
 poitpá — conversar, contar
 poiuhú — crescer do mato
 pokoleín — encolerizar-se, castigar
 pôt — se (condicional)
 puhiná — irmão mais novo
 puipian — de braços
 puirá — gritar
 puitá — fôrça, esfôrço
 puitalohú — apertar, comprimir
 puitatemü — pisar com fôrça
 pukulari — sair
 pypy — faca

— S —

sabukú — voar
 sakalu — pau de fazer fogo, instrumento de, fósforo
 salohú — preguiça
 salokixí — deitar-se
 Salumá — Canoeiro, o que come
 sauá — carregar, roubar, levar
 sauaxahü — trazer
 sauaxatohú — buscar (tirar, vir, ir)
 seleü — tirar
 sen.ín — você, seu
 seü — tirar (também: se.ü)
 sikiú — areia
 sikiú — cair, descer
 sin.ín — guardar
 sipokú — morar, demorar-se
 sirupá — cobra (sp.?)
 sonjí — papagaio pequeno (sp.?)

— T —

tabykecí — genitais femininos
 tâikipú — não querer
 taikiutohú — voltar para trás
 taiminí — bom tempo, boa temperatura, bom ar
 taka — eles
 taka — todos
 Taka.á — Deus (O que sabe)
 takaapaní — não sei
 takahá — saber
 takalohú — pensar
 takapani — não sei
 takarohú — sair
 takapsohú — esquecer-se
 take.ê — piqui
 takepú — pulseira
 take.ü — direito (lado)
 takimanleirá — mulher não casada
 takimanleirá — mulher não casada
 takümbá — casar-se (mulher fala)
 takümbá — preparar, arrumar
 taleirá — não quero
 talili — trovão

- talopaní — quero
 tamalohú — esticar
 tamkipú — não querer
 tamnamahan — depois, então
 tamoindá — êles
 tamotá — vagem grande (sp.?)
 taná — viver
 tanasohú — ir viver, ir vivendo, ter mais vida
 tanasotaiohú — ressuscitar por si (vivo por si querer
 ficar)
 taniaso — ressuscitar (viver de novo)
 tapixá — juntar pedaços
 tapxí — anular (dedo)
 tatá — soltar, atirar
 tatakalara — soltar e arrebentar
 tatalohú — soltar, ir soltando
 tatapalahí — espirar, ver
 tate.í — piqui
 tatüke.ü — cerne mole (qualquer)
 te-hín — assar, assar biju
 tehü — tirar mel
 tehü — mel
 teiamtá — pedir para derubar
 teimá — procurar
 temì — aranha
 temì — longe, mais adiante
 tempalo — abrir
 tempaloloahú — furar, ir furar
 tepá — furar, abrir, rachar
 tepi — fechar
 teptiín — fechar buraco
 teptimbalahú — deitar terra na sepultura
 tepxotá — enterrar
 teulaná — lançar hálito
 thuthu — assoprar, tocar flauta
 ti.hín — defecar
 tikakú — quebrar
 tikiandá — cacique, chefe
 tikóli — inimigo
 tikpci — rabo
 tikipú — cauda da ave
 tipalahí — catar piolho
 tipuku — apagar
 tipuku — cegueira
 tiumalá — homem barrigudo

tìman — longe
 tohú — ir, andar
 tolitukan — dormir sòzinho
 tolituku — ir dormir
 tolonampá — plantar, meter planta na cova
 tolonanampá — enterrar pessoa
 toluná — polvilho
 tooli — buriti
 topü — brincar de peteca
 tosanán — entrar
 tostakohú — chegar
 toto — mamila do peito da mulher
 totü — angu do mel
 to.ú — arrancar mandioca
 toulonaná — cavar raso
 toxaahí — passear, ir e voltar de viagem
 toxintá — chamar
 tuku — ventre, barriga
 tulanan — cheirar
 tumanci — curto
 tumani — pica-pau
 tutata — cuspir
 tutohú — esfriar assoprando
 tütse — assoprar
 tũmbaleü — traspasar
 tũüpá — balançar-se
 txikehü — pente
 txuntxi — periquito

— U —

uaipamá? — como?
 uaituhú — amontoar
 uaiuhú — febre
 ualá — falar, dizer
 ualaleirá — mudo
 ualosá — perguntar
 uandekapá — repartir, dividir, distribuir
 uatali — môsca
 uatapá — pomba
 uaxiko — fruta de lobo
 udá — ira, vingança
 udatohú — enraivecer-se, vingar
 uhaptohú — perdoar, não se irar

uhú — vento
 uití — chupar
 ukeiti — secagem de massa de biju
 ulakú — correr sangue, sangrar
 ulakulepá — derramar
 ulapá — menino, filho
 ulapaipakü — lado de lá
 ulehü — ferida, chaga
 uleví — raio
 ulipá — bater
 umalein — deixar, permitir
 unân — batata
 una.á — cará
 unamonohú — estar com fome, ficar com fome
 unkunkehü — alí
 uoidukú — sentar-se
 uoirikulahü — sentar-se e olhar
 upaxirupá — gibóia
 urí — ruim, mau
 utá — pegar
 ülipú — sacudir
 üntamá — esposos, espósa
 üntamá — casar-se (mulher fala)
 üpü — comer gente, comer carne

— V —

vakalá — garça
 valohú — redemoínho
 vatuolí — todos, todos juntos
 vaxiná — taquara de flauta

— X —

xahü — vir, voltar
 xáikú — arrebentar
 xapaci — asa
 xarekutohú — passear
 xatakoní — chegou, chegar
 xatokohú — chegar
 xauá — encontrar, carregar
 xen — você, seu
 xenkaneín — seu

xenta — chamar
 xentata — empurrar
 xentatohú — buscar, levar, andar cá e lá
 xentatohú — ir chamar
 xetohú — levantar algo
 xetü — tomar conta, guardar com cuidado
 xe.ü — seu, de você
 xietukú — levantar-se
 xikian — gavião fumaça
 xiki-ü — tamanduá
 xiküso — tamanduá
 ximakú — aparecer
 ximapte.ü — fechar, não aparecer
 ximihú — medo, ficar com medo
 ximiú — assustar-se
 xini — azêdo
 xinichú — azedar
 xipexí — cipó urubamba
 xipiu — sair
 xipkihú — panela
 xipkiuci — panela, panelinha
 xiun-anpinmehü — manga (fruta bôa)
 xixehü — suar
 xuná — cocar de penas
 xunku — mergulhar
 xuxi — cordão umbilical
 xuxi — intestino

— Y —

ymtamá — casar-se, ato sexual
 ypá — desonestidade
 ypy — fazer desonestidade

§ 2 — ESBÔÇO GRAMATICAL

A palavra na língua iranche não é formada exclusivamente de um radical com terminações específicas. É formada muitas vezes por diversos radicais aglutinados, seguidos de alguma terminação específica de categoria gramatical e determinado sentido.

Ex.: totâilauá = **to manan** sauá (ir água buscar).

Neste exemplo se verifica uma expressão complexa dentro de uma unidade, que os índios pronunciam como sendo de uma só palavra.

Os radicais, em formas primitivas ou já em temas, funcionam como sufixos.

Esta formação iranque de palavras, facilita a criação de neologismos, principalmente com o uso de radicais que gerem a significação de "coisa igual, parecida, diferente..."

Na ordem dos radicais, a sequência não tem ainda regra escrita. Usa-se tanto da ordem direta como da inversa.

Também na composição do fraseado não notei regra especial, a não ser a colocação do verbo no fim.

Nos primeiros meses de estudo da língua, anotava rigorosamente a colocação dos temas que ia descobrindo, parecendo-me ser regra sem exceção o uso da ordem inversa à do português. Hoje em dia já não sucede o mesmo dada a intensa aculturação da tribo.

Mais e mais escassos os elementos originais de trabalho e observação direta, torna-se sumamente difícil estabelecer regras fixas.

As partículas mais responsabilizadas na formação de neologismos são: **pu** e **ke**.

1 — PARTÍCULAS UNIVERSAIS

Antes de entrarmos na exposição pormenorizada das categorias gramaticais, como são o substitutivo, o adjetivo, etc., é necessário expor alguns elementos de valor universal.

As partículas que vamos estudar penetram por todas as categorias com mais presença que outras. O gênio da língua facilita o entrosamento de radicais mas alguns deles têm predomínio.

KAL, KAR, KALO: expressam uma idéia de desenvolvimento, de multiplicação, plenitude.

KE: indica semelhança, procedência, causalidade.

MAN: traz consigo noção de alguma realidade transcendente para a vida. A este núcleo parecem pertencer: **AN, NAN, MA.**

PU: sendo uma negação parcial, tem amplo uso. A esta negação se associa um outro radical: **LEIRÁ.**

As formas com que aparece a negação são: **Let, pt, terá.**

2 — SUBSTANTIVO

A — Desinências

Encontram-se todas as vogais como desinência de substantivo. Mas alguns grupos silábicos chamam a si algum sentido específico:

CI — indica muitas vezes o diminutivo.

KÛ — significa uma pessoa ou causa relacionada com o significado do tema anterior; significa aquele que governa.
ex.: opankekü — aquele que governa em cima.

XIXI — diminutivo reduplicativo: muito pequeno.

B — Gênero

Apenas possuem gênero as palavras relacionadas com a família humana.

Veremos depois que as flexões masculinas e femininas são de características pessoais e valem para toda a expressão. O gênero se aplica ao verbo, onde a mulher tem sua flexão diferente da conjugação masculina.

C — Número

Não há flexão numeral por meio de sufixo. Exprime-se o número por meio de adjetivo numeral.

Apenas no verbo se aplica a flexão numeral.

D — Grau

O aumentativo se obtém com a expressão dos radicais **kalo** e **iepte**.

O diminutivo pelas desinências **ci** e **xixi**, pelo uso da negação **pu** e por fim, pelo radical **iama**.

Os Iranche não apresentam flexões especiais para o pejorativo.

Também não estranharam, na aculturação, o uso do grau na língua portuguesa.

3 — ADJETIVO

Não se nota desinência própria para os adjetivos. Quanto ao processo de formação dos graus, veja-se o que ficou dito acima na parte dos substantivos.

Também usam para os graus o processo de justaposição de idéias, afirmando de uma cousa o que se nega na outra.

O mais original talvez nesta forma de comparação seja afirmar uma coisa de uma pessoa e afirmar intensamente a mesma cousa de outra.

Ex.: Tupì mehü — Tupì é bom
 Manti.í mehü, Tupì iepte mehü iepte.ê. —
 Manti.í é bom, Tupì é muito, muito bom.

Nunca se viu o uso de artigos nem definido nem indefinido.

Passamos agora a algumas categorias de adjetivos:

A — Possessivo

Meu — areü	Nosso — Arecan, nhã
Seu — sen.ü	Vosso — Sameian
Dêle — an, nüm, ni	Dêles — Nam

B — Relativos e Demonstrativos

Não se encontra forma especial para estas classes de adjetivo. Usa-se para o relativo as formas possessivas e pronominais pessoais.

Para o demonstrativo se emprega o advérbio.

C — Interrogativos

Que? — kíkama? kikamá?

KIKA é um radical usado para perguntas de um modo geral.

Panimenê, Panimen — desejam saber alguma cousa particular de pessoas principalmente. — Transferem o sentido para outros significados: qual? quanto? quando.

D — Numerais

Os numerais indefinidos são: Muito, Algo: **iepte**; muito, em grande quantidade: **iepte.ê**; Nada ou quase nada ou muito pouco: **akepu**.

Êstes indefinidos são tão indefinidos que pouco ou nada influem na apreciação de uma quantidade.

Os numerais definidos são:

Um — **Kentapuê**; Só um — **Kentapxi** (também: um por um).

Dois — **Numá**.

Três — **Patequipú** (pouco usado). Emprega-se às vezes **Numá**.

Quatro — **Iepú** (praticamente inusitado).

Cinco — **Iepte.ê** (tudo, todos os dedos).

Outras quantidades definidas não se expressam por palavra e só por designação de tantos sinais quantas são as coisas.

Não se pôde averiguar nada a respeito dos numerais ordinais.

4 — PRONOMES

Dou aqui somente os pronomes pessoais, pois as outras categorias pronominais seguem os adjetivos.

Eu — **arê**

Tu — **séin, xen**

Êle — **ani**

Nós — **vatuoli, nhan**

Vós — **sein, san**

Êles — **nhe, nan, tamoinda**

Do caso oblíquo, observamos apenas a forma **nün**, com a significação de origem: do qual, da qual.

5 — VERBOS

Quanto aos verbos não há clareza ainda. Há formas indevassáveis em sua significação.

As flexões verbais são: de pessoa, de número, de modo, de tempo, de gênero, de voz.

A flexão de gênero é a originalidade da língua. As mulheres flexionam o verbo de modo diverso do do homem.

Não nos foi possível positivar tôdas as espécies de tempo, parecendo-nos haver o perfeito grego, indicando uma ação do passado que continua ainda no presente.

Além dos modos empregados na língua portuguesa, parece-nos que possuem modos exóticos, exprimindo, por exemplo, a intensidade de uma ação; outro expressaria um desejo.

Quanto ao número, parecem usar o dual ou seja uma forma de expressão com respeito a duas coisas ou pessoas, tanto para a primeira, como para a segunda e também para a terceira pessoas.

Pode ser que no acervo de nossas notas, encontremos também a voz média, ao lado das conhecidas: ativa e passiva.

Não tendo certeza de todos os ingredientes em estudo, passamos ao quadro das flexões positivadas e testadas.

Voz Passiva

Usa-se uma desinência para o passivo: KIKIÁ.
ex.: manankikiá — ser, estar, foi morto.

Significação Especial de Estado

Viu-se que na primeira pessoa do indicativo presente, encontra-se a desinência rani, portadora do significado de estado: ação em continuidade ou estado. Assim:

painhorani — estou cansado
palãinkiurani — estou correndo
atxorani — estou entrando, estou dentro
kuluparorani — sou feio
malãintorani — sou bonito

A mulher usa da terminação raran, para o mesmo efeito: painhoraran, palãнкиuraran, atxoraran, kuluparoraran, malãintoraran.

Flexão da Voz Ativa

Indicativo Presente Masculino

arê itukulopani — eu vou dormir, durmo
xen itukutini — você vai dormir, dormes
ani itukini — êle vai dormir, dorme
vatuoli itakareiná — nós vamos dormir, dormimos

Indicativo Presente Feminino

arê itukulopasan — eu durmo
xen itukutiá — você dorme (também: tian)

Indicativo Pretérito Lendário

singular: itukumakreiundá

plural: itukumakmeiundá (outras vêzes: itukumakremündá).

Também se usa às vêzes demorar-se na sílaba **mak**: itukumak.reiundá, itukumak.meiundá.

Imperativo Masculino

singular: itukiní; plural: itukaikiní.

Imperativo Feminino

itukiran.

Observação: além da terminação, o plural conta ainda com o sufixo ou partícula **ka**, para sua designação.

Muitas terminações ou desinências permanecem ainda em estudo para definitiva comprovação: mundá, mündá, namündá, pundá, piundá, andá, münundá, sanan, mini, hiah.

Também não conseguimos saber ainda o sentido exato da forma que aparece no vocabulário como infinito. As vêzes aparece a mesma forma com significação de pretérito.

Também a única forma de futuro é a composição do verbo em questão com o verbo ir.

6 — ADVÉRBIO

Nota: de capital importância é o conhecimento dos advérbios, muito usados, talvez a base da língua.

Lugar: apanan: aqui; unkunkehi: alí; perto: kiaipxi; temi: longe; biú: dentro; pahá: fora.

Tempo: oupaní: hoje; iondekaná: ontem; muklori: outrora; maromü: amanhã; nangegená: agora; nainamahan: depois (então); kananka: sem demora; poiá: logo, rapidamente; mekiu: de vagar.

Modo: mehümnehin: bem, certo; iurimnehin: erradamente, mal; também: moianan.

Quantidade: iepte: muito; iama: pouco.

Afirmação: mehü: certo, sim; pahá: livremente, pode.

Negação e Dúvida: lerá: não, nunca; pu: talvez (raro).

7 — ALGUMAS EXPRESSÕES

Tosanankini! Tosanampahá! — Entre! Pode entrar!
Atxoraani! Tosanaiani, tosanarani! Apanã ualá. — Es-
tou entrando, estou dentro! Agora (aqui) falarei.

Oiduitukuankani! — Senta, deita, come!

Ankaleira itukulipãinhoxaraani. — Não vou comer. Dei-
to-me, estou cansado.

Epimãimoiti? — Que está fazendo?

Eptoranãita, mãikeroimpahá. — Estou andando, vou pa-
ra outra aldeia.

Epimaneixa manalãixatini? — Onde você estava, chovia?

Mananleirananta. Jukulo oxepaka. Tolopani. — Não es-
tava chovendo. Vou sair da rede. Vou-me embora.

Aptoleirakini, iunalüpsantani! Atakareiki, aptokini, ian-
loinkihi! — Não vá por aqui, uma onça o come! Aqui, por
aqui, outro caminho (mostrando)!

Xipirokini! — Vem comigo!

Manãinuhdarãianda! — Tenho que trabalhar! (não tra-
balho, mas vou...)

TERCEIRA PARTE

L E N D A S

Alo.ú poiti — A História da Pedra

Esta história, como todas as outras foi contada diver-
sas vezes, de forma diversa. Pormenores que se narravam
numa, não apareciam noutras vezes e outros desconhecidos
surgiam. Assim é que acrescento os elementos desconheci-
dos à narrativa publicada em Pesquisas nr. 1, 1957.

Os iranche que mais concorreram para esta lenda são: Clovis Nhanuri e Armando Uiakuri.

Damos primeiro o texto em iranche tal como o registramos numa fita de gravação magnética. Logo depois segue o texto em português. A tradução devia ser juxta-linear, mas como a impressão resultaria muito difícil enumeramos as orações para comparação dos dois textos. A seqüência das palavras no iranche e na tradução portuguesa costuma ser a mesma por se tratar inicialmente de tradução juxta-linear.

1 Mökü münkü iepte aloma.í ikiamakmeiundá. 2 Eipamá eikianamatini takaapani. 3 Alomahü mäikiapakinan. 4 Alomahü ieiketaptini. 5 Münkü iepte pukulamak.meiunda. 6 Münkü kentapuê kuminxi klaötetsimak.reiundá. 7 Ualamakreundá: 8 “Ara pukulo alaropani.” 9 Apexi tosauali tosanamakreiundá. 10 Ialumbámatolumbamakreiundá. 11 Ioni mäitoni: 12 “Kikiaimanetini matolumbatini?” 13 “Apanan kiulupali. 14 Mäipahá maläintá!” 15 “Uipamá a.neeni?” 16 Kununxi mäitaci apexi aua atakamakreiundá. 17 Ualá ioní: 18 “Maläintá! 19 Oenampani!” 20 Ieptehtë moiná ualamakmeiundá. 21 Miamipu uala: 22 “Oeiuri! 23 Mäimpahá alenku pötlomini.” 24 Ualá iepte.ê: 25 “Miamipu iauri! 26 Poiakaloöretani! 27 Mäimpahá alenkuleitopani!” 28 Iauaiuli iepte xentamakmeiundá: 29 quentapuê pukuloiauaiaulixentamak.reiundá. 30 Näinamahan iauaiuli alomahü a.mak.reiundá. 31 Näinamahã ahí kankatekalepapumak.reiundá. 32 Makixikianan tepapumak.reiundá tepapukaun.ínkante.kalepámak.reiundá. 33 Iauaiulí iepte.ê tepapukau.ínmak.meiundá. 34 Kentapxi kamak.reiundá, 35 mühú kantekekalepalí toh.mak.reiundá. 36 Tamnamahan ioniolí kastahmak.reiundá. 37 Nünkabühü miktumak.remündá. 38 Alomahü tepakikatinmak.reiundá. 39 Namnamahã mía teulanamak.reiundá alokamokiní. 40 Tumaní takaxentakimak.reiundá. 41 Tumaní ualamak.reiundá: 42 — “Iauaiuli bihú tikaku. 43 Bihú kalipaleirá! 44 Arê puitopani tempalopani!” 45 Tamnamahan tumani tepaapiumak.reiundá. 46 Tamnamahan münkü iepte.ê oehimak.rebümündá. 47 Iaurinamahã ximapteümak.reiundá. 48 Ialumbáualá: 49 “Bihúiauri, bihimpani!” 50 Miatiumalá ualá: 51 — “Tepinkini!” 52 Miamipu ualá: 53 “Opani, tepkini!” 54 Ioni ualá: 55 — “Tepinkini!” 56 Miamipu: — “Apiukembani!” 57 — “Teptimpuretani!” 58 Tatatüplehü. 59 Miamipupiudá. 60 Nangegená alenkulera.tana. 61 Tamnamahan münkü iepte.ê oömak.meiundá: 62

Müñkü künekü, Köuá künekü, Maimüakü künekü. 63 Iep-te.ê oidukú: 64 Kurali, kurakê; 65 Namãinhanlu, aritake.ê; Poimi.á, inke.ê; 67 Ionadi, (?); 68 Köu.á Keuatamante.ê; 69 Saluma, (?); 70 Müñkü, idatatüke.ü. 71 Tamnamahan Müñkü, Kurali, ieptehê künahán ikiamak.meiundá. 72 Tamnamahan uramnamanan ikiatãimkipumak.meiundá.

1 Primeiramente os homens todos numa pedra grande moravam. 2 Onde moravam antes não sei. 3 A grande pedra fica para o leste (para o lado do rio do Sangue, onde os Iranche moravam primeiro). 4 A grande pedra não se sabe onde esteja. 5 Os homens todos saíram. Assim: 6 Um homem só um em passarinho se transformou. 7 Falou: 8 — “Eu vou sair e dar uma olhada.” 9 Uma flor colheu e entrou. 10 De mentira ficou triste. 11 Um outro pergunta: 12 — “Que foi? Por que está triste?” 13 — “Aqui é feio. 14 Lá fora é bonito!” 15 — “Como é que espiou?” 16 O passarinho, escondido, a flor tirou e mostrou. 17 Falou o outro: 18 — “Que bela! 19 Eu quero sair!” 20 Todos também disseram (o mesmo). 21 O velho (ancião) falou: 22 — “Sair é mau! 23 Lá fora morrem se saem.” 24 Falaram todos: 25 “O velho não presta! 26 Vamos sair depressa! 27 Lá fora não vamos morrer!” 28 Os bichos todos chamaram: 29 um deles saiu para chamar os bichos. 30 Entretanto o bicho viu a pedra. 31 Então a paca mordeu, furou um pouco e quebrou o dente. 32 A paca também não furou, quis furar um pouco e quebrou o dente. 33 Os bichos todos quiseram furar um pouco. 34 Um por um chegava, 35 o dente quebrava e ia-se embora. 36 Entretanto outro ia chegando e voltando. 37 Dêstes os dentes ficaram quebrados. 38 A grande pedra quase ficou furada. 39 Então homem lançou seu hálito e a pedra ficou mole. 40 O pica-pau chamou. 41 O pica-pau falou: 42 — “Os bichos os dentes quebraram. 43 Dente não fura! 44 Eu tenho força vou abrir!” 45 Então o pica-pau abriu, olhou dentro. 46 Depois então os homens todos foram saindo todos. 47 O velho (mau) não apareceu. 48 Falou de mentira: 49 “Estou com dor de dente, quero ficar no buraco!” 50 Um homem de barriga grande falou: 51 — “Feche!” 52 O ancião falou: 53 — “Espera, não feche!” 54 Outro falou: 55 — “Feche!” 56 O velho: — “Não quero sair!” 57 — “Vou fechar!” 58 Fecharam e ficou lá. 59 O ancião se enraivece. 60 Agora não morreu, está vivo. 61 Assim todos os homens saíram: 62 Os Iranche juntos, os Civilizados juntos, os

Grandes juntos. 63 Todos se sentaram: 64 Os Pareci em jatobeira; 65 os Caiabi noutra pau (bonito); 66 os Beços-de-pau, em cajueiro; 67 os nambiquara, em jatobeira pequena; 68 os Civilizados em um pau mole; 69 os Canoeiro, (?); 70 os Iranche, ficaram no centro em um pau mole (também). 71 Então os Iranche, os Pareci, todos juntos moraram. 72 Depois os Brabos também morar não quiseram.

Münkü poiti — A História da noite

1 Muklori münkü pepte.ê aloma.í ikiamak.meiundá. 2 Nāinamahan iauá iepte.ê māimpahá ikiamameiundá. 3 Mía mioci kōlotipakulomakremündá. 4 Ideleirá. 5 Münkü kaiamanpatini. 6 Nāinamahan kanondaci kipkiuci ioci mānāimak.reiundá. 7 Lauakipi oeienximak.remündá. 8 Nāinamahan pimanci pūpy numakmeiundá poixatatakini. 9 Nāinamahan pimanci pokulomak.reiundá. 10 A.mak.reiundá. 11 Pūpy ualá: 12 — “Kialirukini! 13 Atxuntaiokini, poiarekiní!” 14 Pimanci lauakipi xainkini. 15 Nāinamahan xipkihiuci sikiumak.remündá.

16 Nāinamahan inximak.reiundá. 17 Münkini. 18 — “Tukaipalimak.reiundá!” 19 Pimanci, pūpy palankiumak.meiundá. 20 Ioci xaamak.reiundá. 21 Xipkiuci amakreiundá. 22 Ualá: 23 — “Panimeni?” 24 “Ani tatakaramaitini.” 25 Pakepkaná omak.reiundá. 26 Pūpy aiani. 27 Nāinamahan pimanci māitamihímak.reiundá. 28 Ioci pūpy ualamak.meiundá. 29 Pūpy ialumbalamak.eiundá: 30 “Anitataleirapaan dá.” 31 — “Panini anintatamaitini?” 32 — “Takapani!” 33 Ioci tolotini. 34 Nāinamahan pimanci ualamakreiundá: 35 “Xipiukini toni”. 36 Nāinamahan pimanci xipiukumak.reiundá. 37 Tamnamahan ioci tapixamakreiundá, 38 xipikiamaci kalapiumak.reiundá. 39 Ioniehê oeihmak.reiundá. 40 Nāinamahan marumanmak.reiundá, 41 nāinamahan mūnktumak.reiundá. 42 Marotahmak.reiundá mūnktutahmak.reiundá. 43 Nāinamahan marumanmūnktohú: ilehêleirá.

1 Faz tempo os homens todos moravam na grande pedra. 2 Entretanto os bichos todos fora (da pedra) moravam. 3 Um homem em tatu virou e saiu. 4 Não havia sol. 5 O homem estava acostumado. 6 Então fina e escura pa-

nela o tatu fêz. 7 Com tucum lá em cima dependurou. 8 Então um tatu pequeno e outro foram juntos para depressa tirar e trazer. 9 Então o tatuzinho subiu. 10 Olhou. 11 O outro falou: 12 — “Depressa! 13 Lança abaixo, rápido!” 14 O pimanci o tucum arrebentou. 15 Então a panela caiu.

16 Então veio uma névoa fumarenta. 17 Escureceu. 18 — “Não quero escuro!” 19 O pimancy, o püpy fugiram. 20 O tatu (que fêz a panela) chegou, olhou. 21 A panela foi ver. 22 Falou: 23 — “Quem foi?” 24 — “O outro despedaçou.” 25 Atrás do outro saiu. 26 O püpy viu-o. 27 Entretanto o pimanci escondido estava no buraco. 28 O tatu e o püpy conversaram. 29 O püpy mentiu: 30 — “Ninguém soltou.” 31 — “Quem foi que soltou?” 32 — “Não sei!” 33 O tatu foi-se embora. 34 Então ao pimanci falou: 35 — “Sái, o outro foi-se embora.” 36 Então o pimanci saiu. 37 Entretanto o tatu recolheu os pedaços, 38 uma panela pequena fêz com os pedaços. 39 De novo dependurou. 40 Depois veio a madrugada, 41 depois anoiteceu. 42 Veio a madrugada, anoiteceu. 43 Então amanhecia, anoitecia: não havia sol.

A esta lenda deve-se acrescentar outra, que narra um episódio acontecido na trama da lenda que acabamos de apresentar. Depois que veio a noite e antes de madrugarem, é que tem lugar a presente lenda. Quem teve parte quase exclusiva no ensino desta lenda foi Clovis Nhanuri, índio mais idoso do posto de catequese de Utiariti.

1 Nãinamahan münktomak.reiundá. 2 Ulapá, mãinhan, meli mi. ú ikiamak.meiundá. 3 Mankinauinú iept.ê. 4 Ulapá panamak.reiundá. 5 Ualá: 6 — “Malatolorani”. 7 Nãinamahan tohmak.reiundá. 8 Ahmak.reiundá: 9 — “Marohú!” 10 Ualá: 11 “Melí marohmian, ahmararan!” 12 Melí ualamak.reiundá: 13 — “Maroleiramüntxo! 14 Aleimatian! 15 Ialumbatian!” 16 Ulapá ioniehê ualamakreiundá: 17 “Ialumbaleirapasan, marohmian, ohmararan!” 18 Mãinhan aualamak.reiundá: 19 “Ialumbaleiramüntxa! 20 Iamanãikiran! 21 ma. ahmarantxa.” 22 Mãinhan ualaleiomak.reiundá. 23 “Nangegená malãitacinandá!” 24 Iepte takepü, inxankehü, alauakehü iepte iamanmak.meiundá. 25 Münkto.makreiundá. 27 Ilehê ximaptermak.reiuak.reiundá münktomak.reiundá. 27 Ilehê ximaptermak.reiundá.

1 Entretanto veio a noite. 2 O menino, o pai, sua mãe, moravam. 3 Mosquito bastante. 4 O menino chorava. 5 Falou: 6 — “Estou triste.” 7 Então saiu de casa. 8 Olhou: 9 — “Madruga!” 10 Falou: 11 — “Mãe, está madrugando, veja!” 12 A mãe falou: 13 — “Não amanhece! 14 Não está vendo! 15 Mentira!” 16 O menino de novo falou: 17 — “Não é mentira minha, está madrugando, olha!” 18 O pai olhou e disse: 19 — “Sem mentira vem! 20 Dá presente para êle! 21 Aurora olhando achou!” 22 O pai falou que estava alegre. 23 — “Agora ficou bonito!” 24 Muito bracelete de tucum bastante deram. 25 Veio a noite, 26 depois veio a madrugada, veio a noite. 27 O sol estava escondido.

Idehê myt.li poiiti — A história do sol novo

O primeiro índio a me contar esta história foi Maurício Tupi. Comprovada depois pelo testemunho de diversos narradores, foi ditada por Tupi e por Uiakuri. Um completa o outro nos pormenores.

1 Idehê miatini. 2 Tohú moitari manãikê. 3 Nãinamahan irixi pakteita: 4 “Tatü iamankini.” 5 — “Akeni, 6 iamankalotini.” 7 — “Iamantuxini! 8 Mãipoitixalopani!” 9 Iamaiamakintasimak.reiundá. 10 Irixi nankemüntini. 11 Mãitapoiti: 12 “Küküaküüpüni.” 13 Ualakin: 14 “Manantapkianá manan tolotini! 15 Xikihinakatá palãinkini!” 16 Idehê manatomak.reiundá. 17 Irixi ualá: 18 “Apukulohi!” 19 Puitatemü apukolohú. 20 Küküakü nantatemün. 21 Puirá “u-u-u”. 22 Küküakü namüü aná “io-o-o!” 23 Idehê küküakü üpüleirá, 24 nantatemün tatalümbamak.reiundá. 25 Irixi iepte olipalü tokaremündá. 26 Nãinamahan idehê tomak.reiundá. 27 Temi ohtugmak.reiundá. 28 Idehê nadüpiu ikiamak. reiundá. 29 Idehê myt.li manankian atikepu manãamak.reiundá. 30 Kiaipxi a. mak.reiundá. 31 Namüü uala mia malãintakalokeistatini! 32 Ken-intapahetani! 33 Quentapuê: 34 “Amalãintakaloximini!” 35 Ioni idehê amak. reiundá ialumbaualá: 36 “Aleirá, sein-ialumbá!” 37 Namüü iepte manãimpahá pakalepá. 38 Idehê iepte a.mak.reiundá, 39 namüü iepte idehê a.mak.meiundá. 40 Idehê ualá: 41 “Namüü malãintá!” 42 Namüü ualá: 43 “Mia malãintá!” 44 Namüü ualá: 45 “Nangegená takulipatatatalikiu kiúlupalí!

46 Idehê münkü puitapu kekülü ankasopunemündá namei-an ankaleiramak.meiundá." 47 Ieptêiudá topakalepá. 48 Namüü inixaialumbaualá: 49 "Nangegená idehê anka maláinta ituku. 50 Ankakiran!" 51 Idehê ankamak.reiundá. 52 Namüü kanankali to.ú mihí. 53 Nâinamahan maláintá manâinumak.meiundá. 54 Tamnamahan dehê xahü. 55 Unkundesü.mak.reiundá. 56 — "Xalokixiran! 57 maláinta kaloketocinitamoiti! 58 Itukukiran! 59 Maláinta peririkikacini!" 60 Iamankalo siksána. 61 Namüü kanankali teptiínmak.meiundá. 62 Namüü maláinta idemöt.li takümbamak.reiundá. 63 Idehê myt.li idemoitathehu taikiutohú. 64 Iepte ainá utatuoimpahamak.meiundá. 65 Akeptoni.

1 O sol é homem. 2 Andava e no meio do rio deu muita água. 3 Então a abelha jati pediu: 4 — "Bôrra do mel dá." 5 — "Não dou, 6 tenho muito pouco." 7 — "Um pouco para mim! 8 Segrêdo contar a você!" 9 Repartiu. 10 Por isso o jati tem angu. 11 Em segrêdo contou: 12 — "O boi d'água come gente." 13 Fala: 14 — "Não suba logo da água, a água desce! 15 Na praia branca você fuja!" 16 O sol viajou pela água. 17 A abelha falou: 18 — "Pula depressa!" 19 Firmou-se com fôrça e pulou. 20 O boi dá-gua afundou. 21 Gritou "u-u-u." 22 Do boi d'água a mulher escutou "io-o-o!" 23 O sol o boi d'água não comeu, 24 afundou e virou buritizinho. 25 As abelhas todas voaram e se foram embora. 26 Então o sol foi-se embora. 27 Mais adiante viu gente. 28 O sol velho morava lá. 29 O sol novo perto do rio em baixo de um pau viu trabalhar. 30 Perto olhou. 31 Uma moça falava com o homem muito bonito é que eu quero! 32 Queremos casar! 33 Uma (falou): 34 — "Ví um muito bonito!" 35 Outra o sol viu e pregou mentira: 36 — "Não vi, você está mentindo!" 37 As moças todas saíram ao rio tomar banho. 38 O sol a todas viu, 39 as moças todas o sol viram. 40 O sol disse: 41 — "Moças bonitas!" 42 As moças falaram: 43 — "Homem bonito!" 44 Elas falaram: 45 — "Agora vamos matar o velho feio! 46 O sol escuro sem fôrça mau comia tudo, os outros não comiam." 47 Todos brabos sair a tomar banho. 48 As moças voltaram à casa e mentiram: 49 — "Agora o sol come e em bonito deita. 50 Come!" 51 O sol pôs-se a comer. 52 As moças logo cavaram buraco. 53 Depois bonito fizeram. 54 Depois o sol veio. 55 Ali chegou. 56 — "Deite-se! 57 bonita bela cama está feita! 58 Durma! 59 Bonita e é verde!" 60 Passou um pouco e caiu. 61 As moças logo fe-

charam o buraco. 62 Uma moça bonita com o sol novo casou. 63 O sol novo até o meio chegou e voltou (do céu). 64 Todos o fogo tomaram e levaram adiante. 65 Fim.

O comêço do mato e do fogo:

(lenda contada mais completamente por Tupi)

Primeiro só havia campo. Não havia mato.

Numa família os irmãos jogavam bola e um dos grandes machucou o menor, pouco acima do joelho (inankateci).

A tia ralhou com os irmãos e mandou-os buscar abacaxi (alehê).

Quem bebeu o remédio do menino foi o marido da tia (sic). Ela disse ao doente: "Aqui há muita gente, você não vai matar ninguém!" Ele fez arco e flecha e disse: "Vamos caçar, aqui perto há seriema".

Depois, quando voltava à casa disse: "Vou matar pai e mãe e vou morar aqui mesmo." E discutiu com a tia e disse: "Gente pequena tem casa igual aos outros mas eu não sou pequeno!"

— "Você experimente!" — disse a tia.

— "Eu experimento!"

Apanhou a ponta de uma flecha (iulá) e foi perseguindo e matando todo o mundo. Subia nos lugares altos para matar. De um dos irmãos mais velhos tirou o coração. Do outro tirou o fígado. O que pôde, fugiu.

Um animal então falou: "Para que!? Matamos tudo, seu pai, sua mãe, que coisa vai matar agora?"

O homem atirou nos bichos e quando atirava ia tudo virando mato. Pela primeira vez houve mato e o mato se levantou. Agora tudo é mato.

Procurou o pau iakülü, esfregou (ichtatopá) e conseguiu fogo.

Assim é que começou o fogo.

Mopö.í poiti — História da roça

1 Muk.lori tikianlakulapá meli karehmak.meiundá. 2 Mell, ualatkenanci! 3 ipistopasan! 4 — "Kímanapanan ipis-tobasan?" 5 Poixikiaipxi, 6 ipikiaipasan arekentakupê. 7 Idamaitakehéualamak.reiundá. 8 — "Toulonanankiran, 9 naki-ran, 10 patapui piankiran!" 11 Mell toulonanan 12 ieptê palalümbá kentaximimakreiundá. 13 — "Meli patambatolop-kiran, 14 alenkuleitopani. 15 Tokiran tohtakira ulipalansa-

leitotian 16 alenkuleitoparan. 17 Tohtakiran mananuxiran atohú, 18 xipkiuci, puiti, atoci, 19 iepte anka manainú." 20 Iepte palaleimbá ualamak.reiundá: 21 — "Tolopasan ieptemanainulopasan." 22 Nāinamahan teptimbahmak.reiundá. 23 Ulapaualá: 24 — "Matci tepxotaleikiran! 25 Poiteptenkiran, 26 xankupalānkintokiran, 27 tempten.alipalānkiutokiran!" 28 Meli teptebahixankunkutomak.reiundá. 29 Nāinamahan tikiantakulepa takahametini: 30 oehmanxahūmak.reiundá, 31 mopō.í iepte.ê poiá manainumak.reiundá. 32 Iulapa alenkumak.reiundá möpō.í kōia klauōtikumak.reiundá: 33 mimankepci, kuritakehê; 34 maptehexi, comāinterú 35 mehtapaci, kumantamaxi; 36 matci, mpyy; 37 naimihi, onomaí; 38 mimanci, myn.in; 39 inakacti, kuriuxi; 40 piambakamankeci, münxi; 41 böhy, ialauê; 42 nakeuxi, paiadê; 43 xuxi, unan. 44 Nāinamahan meli atoci, puiri, xipkiukú, eiptemanāisogutulimak.reiundá. 45 Nadepiuualamak.reiundá: 46 — "Nangegenarematolumba, 47 iulapá toxaleirapotohú!" 48 Ūntamáualámak.reiundá: 49 "Arê ualosan, 50 iulapa iananken-inleira tonxaleiratosan! 51 Takasapareitan puiritximahan!" 52 Mopōkentapxi amak.reiundá. 53 Iepte mörumamak.reiundá. 54 Kulapasini aleiramak.reiundá. 55 Meli palembaleirá, 56 mǎinhan-ieptepalembá: 57 — "Kikiakimanitolunampatian?" 58 — "Iulapa ualararantolumanampapasandá, 59 uala mǎinhan iuri udá." 60 Nāinamahan unan toleipu, 61 myn-yn ōia, 62 manhani biuni 63 takapexmak.reiundá. 64 Iní mǎintatomak.reiundá, 65 mǎintaankapalopasan: 66 mǎita tankalopasan. 67 Uuaxi mananciritomak.reiundá, 68 ini ionkehê tosananamkereundá. 69 Namüoní pamankalamak.reiundá 70 maioni tamimhankamak.reiundá. 71 "Malāintaci!" uala. 72 "Uuaxi, epikiman-auaxatini? 73 ankama.í. 74 Kauê! man.in! Keuá!" 75 Tem-mamakreiundá inioní tosanani, 76 iulapá meli iudamak.reiundá 77 "Iamtakini uuaxi kimanraratini?" 78 — "Takpaani!" 79 — "Kimanxaratini?" 80 — "Paitaleiramáikití! 81 Iulapa my.inklauōtimak.reiundá. 82 Uuaxisauanmak.reiundá. 83 Seimiulapá iepte hexanemoimü! 84 Iulapá quentapuê tolunataimkiran!" 85 Nāinamahan namüü xipkiu initosaualamak.reiundá: 86 "Ari kentápxiulapá my.in kleuaōtimak.reiundá ekípu quentapxi my.in anka. 87 Marumü totanilopani." 88 Mokionaci pohmak.reiundá: 89 tiki-antanleiraiulapá my.inklauōtakaleiramak.reiundá. 90 Nāinamahan mamüü mǎinta iepte tosanani my.in-ánkaiepte.ê. 91 My.in akeptoneundá. 92 Koiatolumaleiramak.reiundá. 93 Münkü iepte.ê nangegená my.in ankaleirá. 94 Poiti akeptoni.

Os pormenores são contados assim:

1 Melì molehü koletan atohú manaini ulakulepá man. in ideipahaukeití, aipoletank amak. reiundá. 2 Xipkihú min. hín alikiulepá intá xipkihoniehê mãikianá mihí toluná ohin. in, telanká. 3. Iuöhê tutohú in. hín, müinkey o. ú oparohú iamantohú tamnamahan kletata. 4 Münkü nangegená my-in-leirá. 5 Keuá iamta to. uionieheanká.

1 Faz tempo o filho do capitão e a mãe saíram a passear. 2 Mãe, aqui limpo, falou! 3 quero ser enterrado! 4 — “Por que aqui enterrado?” 5 Mato bonito perto, 6 aqui morarei sozinho. 7 Meio dia falou: 8 — “Cava um pouquinho, 9 deita-me, 10 põe-me de braços!” 11 A mãe cavou um pouco 12 muito chorou porque tinha só ele. 13 — “Mãe, não chore, 14 não vou morrer. 15 Vai, e voltando, não brigue não (não bata), 16 não vou morrer. 17 Ao voltar faça peneira, 18 panelinha, cesto, apá, 19 tudo o que é pra comer.” 20 Muito chorou e falou: 21 — “Vou-me embora e tudo farei.” 22 Então fechou com terra. 23 O filho falou: 24 — “A cabeça não enterra! 25 Depressa faça, 26 deita depressa, 27 enterra e logo corre depressa!” 28 A mãe enterrou e muito depressa foi-se embora. 29 Entretanto o filho do cacique era sabido: 30 saiu para fora, 31 roça grande depressa trabalhou (fez). 32 O menino não morreu e uma roça bela (boa) tornou-se; 33 a unha, amendoim; 34 a costela, feijão miúdo; 35 estômago, feijão grande; 36 a cabeça, cabaça; 37 o fígado, cará grande; 38 o braço, mandioca; 39 o joelho, porongo pequeno; 40 a canela, mandioca braba; 41 o penis, araruta; 42 o escroto, (?); 43 o intestino, batata. 44 Então a mãe apá, chiri, panela, tudo preparou. 45 O marido disse: 46 — “Agora eu estou triste, 47 o menino saiu e não voltou!” 48 Ao marido (a mulher) disse: 49 — “Eu falei, 50 o menino ouvir não quis não quis voltar! 51 Eu vou olhar o menino carregou o chiri!” 52 Uma roça só viu. 53 Tudo estava maduro. 54 O menino não apareceu. 55 A mãe não chorou, 56 o pai muito chorou! 57 — “Porque você o foi enterrar?” 58 — “O filho disse para o enterrar, 59 falou do pai mau não gostava.” 60 Então batata arrancou, 61 mandioca arrancou (mansa), 62 a braba arrancou 63 e encheu o chiri. 64 A casa escondida voltou, 65 escondida comeu: 66 escondida assou comeu. 67 Uma formiga da mandioca carregou, 68 casa outra entrou. 69 Outra mulher ajuntou 70 gran-

de massa, assou e comeu. 71 “Que bom!” falou. 72 — “Formiga, donde tirou e trouxe? 73 comem muito. 74 Que! massa! Gostoso!” 75 Procurou, outra casa entrou, 76 do menino a mãe ficou furiosa. 77 — “Dá-me a formiga como carregou?” 78 — “Não sei!” 79 — “Por que levou?” 80 — “Não pede não! 81 O filho mandioca tornou-se. 82 A formiga carregou. 83 Vocês menino muito possuem! 84 Menino um só enterrar queriam!” 85 Então a mulher saiu na casa entrou e falou: 86 — “Aquele um só menino mandioca tornou-se mandioca a mulher sòzinha mandioca come. 87 Amanhã vou, experimentarei”. 88 Cará nasceu: 89 não era de cacique filho mandioca virar não sabia. 90 Entretanto a mulher escondida muito entrou mandioca comeu tôca. 91 A mandioca acabou. 92 Rama não plantaram. 93 Iranches todos agora mandioca (mansa) não comem. 94 A história acabou.

1 A mãe lavou, ralou, na peneira apertou, derramou a água, ao sol fora deixou, assou e comeu. 2 Na panela dentro guardou, despejou panela noutra a água de mandioca, num buraco o polvilho deixou sedimentar, assou e comeu. 3 Ferveu a chicha, esfriou, bebeu, a rama enterrou, nasceu, cresceu e depois se arrancou. 4 Os Iranches agora não têm mandioca. 5 Ao civilizado pede, planta de novo e come.

ĩun-ì mö.ö poiti — História do urubu e do fumo

1 Mia ppy, 2 ioní iudá. 3 Ialumbaiudaulá: 4 “Amohú pamaiantakiní!” 5 Opaioní pokuloselemak.reiundá. 6 Ionmakeuarohú. 7 Nãinamahan patangaci ualá: 8 “Eipan selenakaiaru?” 9 Miá ualá: 10 “Iaualeirani ioní pokuloselemak.reiundá. 11 — Sauátorakini!” 12 Patangaci amehü tepamanxatosauamak.reiundá. 13 “Are puitapu tolopaní!” 14 Nãinamahan ãun.ì karũthmakereundá ãun.ì makeuiolehê: 15 — “Eipan selenakaiuru?” 16 — “Ioní iudá pokuloselenmak.reiundá. 17 Sauatorakini!” 18 Xapaci maxũhũn mia kalentukumak.reiundá. 19 Mekijsauatosimak.reiundá. 20 Pata-sũpuramak.reiundá. 21 Poiatsitukuikiatoxameiundá. 21a ãun.ì mokoskinimak.reiundá. 22 Numa: kantamehũ ioniudá. 23 ãun.ì mö.ö mehũ ipiaiamtamak.reiundá iamasõinmoraiumak.reiundá. 24 Nãinamahan mö.ö mehũ miá mãinkũmessohũmak.reiundá. 25 Inixatoutatumak.reiundá. 26 Ionselũopanaxamak.reiundá. 27 “Panmõiamanankini. 28 Ipiaretani”. 29 Iamamoraiũ. 30 Idaiutú. 31 Xikisohũ. 32

Palãinkiolohú ximihuolituku. 33 Mía inunlohú tukuolan-hmahá. 34 "Poiarokiní! 35 Ulapaselinakaranaxú; 36 alenkusolini!" 37 Ulipamatinhemak. reiundá. Olipatatalinkian-dá. 38 Xenta: 39 "In.ì karüpkini!" 40 Karakini. 41 Oparotini ialökumì üpümak. reiundá. 42 Kentapuê in.ì mököa-kiniñmak. reiundá.

1 Um homem fêz desonestidade, 2 o outro ficou furioso. 3 Mentiu irado dizendo: 4 "Fruto colhe para mim!" 5 No alto o outro, foi-se embora tirando a vara. 6 O outro ficou magro. 7 Então um macaco perguntou: 8 "Que bicho é êsse?" 9 O homem falou: 10 — "Não sou bicho, outro saiu deixando-me. 11 Tira-me daqui!" 12 O macaco um fruto quebrou e água trouxe. 13 "Não tenho fôrça, adeus!" 14 Depois o Urubu andou perto dêle urubu magro e fedorento: 15 — "Que bicho é êsse?" 16 — "Outro irado foi-se, tirando a vara. 17 Tira-me daqui!" 18 Pela asa e pelo ombro o homem subiu ao pescoço. 19 De vagar desceu. 20 No chão deixou. 21 Numa cabeceira dormiram e chegaram em casa. 21a O urubu é que tinha fumo (só êle). 22 Dois: um bom e outro brabo. 23 O urubu o fumo a fumar deu e deu o brabo a guardar. 24 Então o fumo bom o homem engordou. 25 Voltou para casa, levou fumo. 26 O outro que o deixou no alto chegou. 27 Pediu: "Fumo dá prá mim. 28 Fumaremos". 29 Deu o brabo. 30 Ficou tonto. 31 Virou tamanduá. 32 Correu, e com medo dormiu. 33 O homem foi atrás dormindo achou de dia. 34 "Acorda logo! 35 Bato porque tirou a vara; 36 vai morrer." 37 Bateu na cabeça matou e na terra deixou. 38 Chamou: 39 "Urubú vem comer!" 40 Veio olhou. 41 Esperou e podre comeu. 42 Sômente o urubú tem fumo.

Kuratú poiiti — História do milho

Esta lenda foi narrada por Uiakuri

1 Ian anapoiti. 2 Münkü tohú inioni kekanan. 3 Mato-leixi tostakohú ualá: 4 "Xakini! 5 Ino makü kuratu!" 6 Maku iní tostakohú papui patankehü takümbá, kuratu iopankehü. 7 Matoleixi ualá: 8 "Măitá kuratu iamtalopani." 9 Auitata kentapui. 10 Münkü anamăitá. 11 Kuratkeci măita tohú poimehü patoimeni ahin-in tehü mopö.í iamaci; 12 moküntapui toluná 13 pöhü 14 oparohú 15 mî-in numa 16

kuleidukú miptohu 17 auá 18 sin-in ankaleira. 19 Ma.í tehü o.ú iepte pöhü kuratu ankaleira sin-in. 20 Münkü iepte iauali topü. 21 Mia uala: 22 — “Kanankotometi! topületki-ni makü kuratu sauá!” 23 Ualá makü udá palüpalipü topü iepte.ê sauauai. 24 Mia balalümbá numanci kuratuxohü. 25 Xeti. 26 Münkü namanzohü, 27 nangegená kuratu ankáiepte. 28 Poiti akeptohü.

1 Meu pai contava. 2 Um Iranche saiu outra maloca morou. 3 O grilo chegou e falou: 4 “Vem cá! 5 Na casa do morcego há milho!” 6 Do morcego à casa chegou, a rede embaixo arrumou, o milho em cima. 7 O grilo disse: 8 “Escondido o milho dou”. 9 Tirou um só grão. 10 O Iranche na orelha escondeu. 11 O grão escondido, saiu bom mato, boa terra procurou, derrubou roça pequena; 12 o único grão plantou, 13 vingou, 14 cresceu 15 espigas duas 16 cuidou secas 17 tirou 18 guardou não comeu. 19 Grande derrubada plantou tudo cresceu, milho não comeu, guardou. 20 Os Iranches com folha brincaram de peteca. 21 O homem falou: 22 — “Que! não brinquem o morcego o milho tira!” 23 Falou e o morcego, irado, levou, o brinquedo todo carregou. 24 O homem chorou o resto do milho ficou. 25 Cuidou. 26 Os Iranches o resto guardaram; 27 agora o milho abundante come. 28 Fim.

História dos filhos da anta

Esta história foi contada por Luis Tamuri.

Um homem virou anta. O filho chorou. Porque o filho chorou? Porque o pai fazia desonestidade e a mesma coisa a mãe fazia com um filho. Ele foi arrancar mandioca pegou a mãe e fez com ela. O irmão maior também fazia.

Brincou com a mãe. Tapou-lhe os olhos e largaram e correram. A mãe ficou furiosa. O filho chega ligeiro à casa e faz chicha e biju para a mãe.

Todos chegaram em casa.

O filho perguntou: “Quem quer peixe, quem come?”

A mãe respondeu: “Eu não quero peixe, quero catar piolho.”

O filho menor disse: “Não gosto que me catem piolho.”

A mãe acendeu o fogo. O marido foi buscar tucum e não viu nada.

A mãe catou tudo. Levantou ligeiro, jogou o fogo longe e virou anta. Virou anta porque fazia desonestidade.

O marido depois virou anta também. Os filhos não viraram anta. Os filhos tomaram muito banho.

As antas comiam fruta de capim do mato (iun.ì) e depois iam ver os filhos. Um irmão apanhou caju do mato. Chorou até virar anta.

Passou-se um ano e veio caju outra vez. Um dos filhos viu um rasto de anta no cajual. Observou e viu muita anta.

Disse: "Vamos matar anta."

Passou-se mais um ano e veio caju outra vez. Identificaram o pai e a mãe, porque não tinham braço de anta mas de gente. Um deles matou pai e mãe, porque não gostou que se tornassem anta, pois tinham feito desonestidades.

Um dos filhos tomou muito banho.

Apareceu depois um gambá trazendo biju e matrinchã (peixe). Antes era gente. Aquêlê filho que tomava muito banho disse ao gambá: "Vou com você." O gambá mostrou a roça. Havia muito milho, batata e mandioca. O gambá perguntou: "Você quer trabalhar para mim na roça?"

Aceitou.

O gambá foi ao rio e não voltou. O outro ficou até a noite. Lançou uma ventania e fêz a derrubada num só dia: grande derrubada.

A mulher do gambá ficou intrigada com a ausência.

— "Onde está meu marido?"

— "Foi ao rio e não voltou."

— "Você vai matar meu marido de noite!"

A mulher do gambá, revoltada, não deu de comer a êle.

— "Seu marido chega depois."

Êle saiu e foi-se embora. O gambá voltou depois e viu uma grande roça feita num só dia. Perguntou pelo homem.

— "Foi-se embora!"

— "Então você vai buscar o homem!..."

O gambá foi buscar o homem. Êle disse: "Eu não quero mais nada com você." O gambá voltou.

Os filhos das antas voltaram para o antigo lugar, e com muita fome. Tomavam muito banho. Tomavam muito banho, para não se tornarem anta, como o pai.

Andaram longe. Encontraram a lagartixa. Os bichos de primeiro eram gente mas a lagartixa primeiro virou tatu, depois ficou sendo lagartixa.

— "Lagartixa, onde é que você vai?"

— "Vou atrás do tatu."

Os irmãos deram com o tatu e o mataram. A lagartixa gostou e disse: "Vocês venham ver meus filhos."

— "Não! Vamos adiante."

A lagartixa foi-se embora e os homens caminharam. Viram uma paca.

— "Quem é aquê?"

— "Paca tirando mel."

— "Derrubem o mel para nós!" Mas o pica-pau era o dono do mel.

— "Vamos matar o pica-pau e comer o mel."

Seguiram adiante. Deram com uma maloca de gente antropófaga.

— "Quem que mora aqui? Vamos adiante!"

— "Eu quero esperar aqui. Quero ver gente bonita!"

Depois foram adiante. Dormiram no mato e seguiram à frente.

Um encontrou um jacu. Lançou uma flecha. O urubu veio e escondeu a flecha. O homem procurou e não achou nada. Atirou uma segunda e o urubu ainda escondeu. Atirou mais uma vez e viu o urubu apanhar a flecha.

— "Ah! Você que apanhou as flechas?"

— "Estou brincando. Onde você veio? Não ande mais. Tem de ver minha família e vai trabalhar para mim."

O irmão menor disse: "Não quero, porque o urubu fede." O mais velho retrucou: "Eu quero ficar na maloca do urubu!" Os dois brigaram e depois foram para a maloca do urubu.

Os filhos do urubu eram muito feios. O irmão mais velho casou com os urubus porque eles eram muito perigosos e comiam gente.

O urubu mentiu e disse: "Vamos pegar tatu."

Um tatu entrou no buraco mas o homem o pegou lá dentro. O urubu ia espetar o tatu mas queria matar o homem. Deu jeito no pau para dar nele. O pau quase pegou no pescoço do homem.

O homem assustou-se e deixou ligeiro o buraco.

— "Desculpe-me!" — disse o urubu.

— "Agora você apanha!" — disse o homem e matou o urubu.

Chegou à casa e disse para a sua mulher: "Matei seu pai."

— "Vamos matar mamãe!"

Mas a mãe sabia correr. Ligeira saiu e foi chamar os marimbondos. Os homens enterraram tôdas as coisas da família.

Vieram os marimbondos e perseguiram tôda gente e ma-

taram os irmãos com picadas, menos o irmão menor. Este ficou triste e magro.

Ele disse: “Vou defecar, você fica aí!”

Entrou dentro da casa e a mulher do irmão ficou fora. Dentro da casa transformou-se em gavião fumaça.

A mulher chamou: “Vem cá!”

Foi-se embora. Assim acabou a história.

A História do macaco

História narrada por Clovis Nhanuri e confirmada.

Um homem era sabido. Com mais um companheiro quis comer carne. Mas a região onde iam era perigosa, os homens eram antropófagos. Mas o homem era sabido e levou um companheiro, que era um macaco. Naquele tempo o macaco falava.

Lá dançaram muito, porque havia carne para comer. O macaco sabido tinha dito para o companheiro que iriam comer carne onde os índios dançavam.

Encontraram outro bugio e disse: “Vou à maloca comer carne!” O bugio respondeu: “Vou com você!”

Lá na maloca uma mulher conversava para os homens dormirem. Depois de dormirem eram mortos. Depois iam para a panela.

Chegaram lá. Olharam e viram muita carne. O índio deu carne. O macaco então disse: “Aqui é bom, então eu venho para cá.”

Uma mulher falou: “Vamos tomar banho!”

Levou muita gente para tomar banho, muita gente, muita mulher bonita.

Depois perguntou: “Vocês tomaram banho bem?” E depois veio a noite e muita dança.

O macaco e o homem, porque eram espertos disseram: “Sou outra gente, quero contar história.” Contou muita história e a mulher dormiu. Quando não sabia o que contar mentia bastante e a mulher foi dormindo.

O macaco comeu bastante e ainda deixou carne para depois. De madrugada fugiu, comeu muita carne e ainda levou carne embora. Foi para outra maloca.

O irmão do homem esperto então disse: “Também vou comer carne.” Muita gente chamou a atenção dele: “Você, se come, morre!”

Respondeu: “Eu sou sabido, fujo e volto logo!”

Andou. Encontrou o mesmo macaco esperto. O macaco perguntou: "Onde você vai?"

Ele respondeu: "Vou indo, por que você pergunta bugio?"

O bugio respondeu ainda: "Espero você. Vamos ver se volta!"

Matou o macaco. Ele não é esperto porque não quer companheiro.

Foi adiante. Encontrou um lobo. Atirou e errou.

O lobo falou: "Quero ver você voltar!"

Chegou. Tomou banho. Dançou e comeu tudo sem escolher. Contaram muita história para ele e dormiu lá mesmo.

Os índios antropófagos o jogaram numa panela grande e cozinharam e comeram.

Os bichos contaram ao homem esperto. "Seu irmão morreu!" — disse o lobo.

Ele então foi à maloca dos índios antropófagos. É muito esperto e ninguém sabe as cousas que conhece.

Os índios moravam numa caverna. Havia muita gente reunida. Fêz fogo na entrada da caverna e ninguém saiu. Deitou drogas no fogo. Muita gente morreu, mas gente ainda tossia. Deitou mais droga no fogo e ainda havia alguns tossindo. Deitou mais droga e ainda um tossiu. Deitou mais e ninguém tossiu. Todos morreram.

Ficou então morando naquela caverna.

História das estrêlas

Esta história foi contada diversas vezes, mas foi impossível obter um relato completo em língua iraniche. Dou apenas a parte em português, com os pormenores possíveis. Mas fica completa nas partes essenciais, mais que no relato de "Pesquisas" 1, 1957.

Dois moravam juntos. Desejaram ir às estrêlas. Dormiram. Um sonho. (Os índios disseram algo sobre os sonhos. Causa impossível de se certificar).

Logo veio uma estrêla e conversou com eles e dormiram juntos...

Outro dia sonharam de novo e veio a estrêla de novo e os levou para cima. Recomendou cuidado, porque as pessoas eram antropófagas. Disse ainda que atirassem bem alto, porque os animais eram grandes e passavam como que voando, de tão altos que eram.

Recomendou cuidado porque os animais comiam gente.

Chegaram lá e foram caçar. Um homem era tolo e lançava a flecha muito baixo e só atingia o joelho dos animais e não matava. O outro era esperto e lançava a flecha alto e lançava antes do animal chegar bem em cima. A flecha entrava perto do sovaco e o animal morria. Mas logo que um animal morria os outros vinham e carregavam e comiam e os homens ficam sem nada.

Aconteceu que um animal ferido pelo homem tolo, o tomou e comeu. O companheiro e a mulher ficaram consternados.

A mulher disse furiosa para os habitantes da estrêla: "Por que comem o homem? Deixem ao menos meu marido!"

Vieram então os homens da estrêla e convidaram o homem da terra para jogar bola. A mulher não deixou e disse: "Por que vocês querem comer a êste também? Não vai jogar bola!"

O homem da terra disse: "Deixa, sei que me vão comer, mas eu tenho coragem. Quero vingar meu companheiro!"

Naquela hora um homem da estrêla lançou na canela do homem da terra uma bola dura e pesada. Caiu no chão. Os homens da estrêla o comeram.

A mulher ficou que não se continha de raiva. Depois pregou mentira e disse: "Vocês vão caçar agora. Vi muito porco do mato." Ela mentiu muito.

Ela disse: "Num lugar há muito coqueiro. Ali se ajunta muito porco do mato. Vou fazer fogo e tudo virá àquele lugar e do fogo também sairá porco do mato."

Êles foram caçar. Encontraram rasto de porco do mato e chegaram a uma manada.

A mulher acendeu fogo com folhas de coqueiro e as folhas crepitaram e davam a impressão de uma manada de porcos. Os homens escutando o rumor deram no lugar e ficaram desapontados, porque não havia porco do mato nenhum. Foi então que resolveram pular dentro do fogo.

Cada um queria transformar-se em um animal, conforme a sua vontade ia-se transformando.

Assim acabaram todos os homens e só ficaram mulheres nas estrêlas.

Um quis queimar bastante e virou macaco preto. Outro quis menos e virou macaco vermelho, outro virou ouriço, outro quis virar macaco ou animal branco e queimou muito pouco. Outro só tostou e ficou sem pêlo. Outro virou ouriço.

Acabaram-se os animais na estrêla.

14 de abril de 1960.

PESQUISAS

Publicações de Antropologia

1. UM PARADEIRO GUARANI NO ALTO URUGUAI — Inácio Schmitz, S. J. — Pesquisas 1, 1957, 122-142.
2. OS IRANCHE, CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO ETNOLÓGICO DA TRIBO — José de Moura, S. J. — Pesquisas, 1, 1957, 143-180, 293-295.
3. PARADEIROS GUARANIS EM OSÓRIO (RIO GRANDE DO SUL) — Inácio Schmitz, S. J. — Pesquisas 2, 1958, 113-143.
4. PESQUISAS PALEO-ETNOGRÁFICAS NA ILHA DE SANTA CATARINA — Alfredo Rohr, S. J. — Pesquisas 3, 1959, 199-266.
5. A CERÂMICA GUARANI DA ILHA DE SANTA CATARINA E A CERÂMICA DA BASE AÉREA — Inácio Schmitz, S. J. — Pesquisas 3, 1957, 267—324.
6. SCHMUCKGEGENSTÄNDE AUS DEN MUSCHELBERGEN VON PARANA UND SANTA CATARINA, Südbrasilien — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 6; 60 pp.
7. OBJETOS ZOOMORFOS DO LITORAL DE STA. CATARINA E PARANA' — Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella. — Pesquisas 1960, Antropologia n. 7, 51 pp., 13 tab.
8. PESQUISAS PALEO-ETNOGRÁFICAS NA ILHA DE SANTA CATARINA, II — A. Rohr, S. J., Pesquisas 1960, Antropologia nr. 8, 32 páginas, 5 figuras, 1 mapa.
9. JUAN DEL OSO EN LOS TUZTLAS — J. Hasler, Pesquisas 1960, Antropologia nr. 9, 17 páginas.

Gráfica de Universidade
Publicação nº 306